

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Davi Silva Peixoto

A Construção da Argumentação no Sermão da Primeira Domingo
do Advento: um Estudo Historiográfico

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Davi Silva Peixoto

**A Construção da Argumentação no Sermão da Primeira Domingo
do Advento: um Estudo Historiográfico**

Dissertação de Mestrado apresentada
à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo
com exigência parcial para a obtenção
do título de Mestre em Língua
Portuguesa, sob a orientação da
Prof^a.Dr^a. Dieli vesaro Palma.

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO

2008

Dedico este trabalho a todos que pensam em vencer um dia...

a você que não tem esperança ...

a você que se acha incapaz...

a você que está perdido...

a você, injustiçado...

a você incompreendido...

a todos que precisam atingir metas...

Agradeço em primeiro lugar...

Lanjaa melhor mãe do mundo.

Deni...grande pai.

Pamela...metade de mim.

Dieli e Jarbas...pais acadêmicos que me nutriram durante essa fase.

Agradeço em segundo lugar...

Deus pai... por ter criado as pessoas acima descritas.

Deus filho... pelo sacrifício na cruz do calvário.

Deus Espírito Santo... pela interseção em meu favor.

Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança.

Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele.

Dizemos-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem.

Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro.

Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor.

Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras...

Carta de meu amigo Paulo
à igreja de
Tessalonicenses.

Resumo

Esta dissertação situa-se no campo da Historiografia Lingüística e tem por tema a construção da argumentação no Sermão da Primeira Domingo do Advento do padre Antonio Vieira. Para executar essa tarefa traçaram-se os seguintes objetivos: examinar no sermão selecionado a língua, a história e o papel de figuras retóricas, que funcionam na organização do sermão de Padre Antonio Vieira como mecanismo de persuasão.

Encontramos no século XVII, mais particularmente em Vieira, um homem imbuído do espírito Barroco e muito preocupado com causas sócio-cristãs, caracterizadoras da luta entre o mundo material e o espiritual a possibilidade de verificar a relação entre língua e história que permite-nos conhecer o sermão em meio ao seu contexto de produção, ao mesmo tempo em que oportuniza atualizá-lo à luz de teorias atuais.

Na Retórica peculiar de Vieira, fruto de sua formação jesuítica, há inovação, ousadia, clareza e objetividade. Tal peculiaridade não se dá apenas pelo favorecimento de mecanismos lingüísticos disponíveis na língua, mas também pela bagagem cultural do orador, verificada na prática da persuasão.

Estudos sobre a obra de Vieira há muitos. Porém essa pesquisa se justifica por buscar uma abordagem histórica, além de realizar o estudo da disposição e da elocução do Sermão escolhido em uma abordagem historiográfica.

Embasou-se teoricamente nos fundamentos da Historiografia Lingüística que permite uma releitura dos fatos da língua e de sua história, por meio dos princípios da contextualização, da imanência e da adequação teórica.

A análise do sermão demonstrou que as marcas histórico-lingüísticas e os mecanismos de persuasão presentes nele revelam o pensamento típico do homem barroco e que o sucesso da pregação de Vieira se dá pelo seu estilo peculiar envolvendo figuras retóricas e a interação entre orador e ouvinte.

Palavras-chave: Historiografia Lingüística, Figuras Retóricas, Persuasão.

Abstract

This dissertation is located in the field of the Linguistic Historiography and it has for theme the construction of the argument in the Sermon of First Dominga of priest Antonio Vieira's Advent. In order to carry through this task, the following objectives were drawn: examine in the selected sermon the language, the history and the role of rhetorical figures that act in the organization of Priest Antonio Vieira's sermon as a persuasion mechanism.

We found in the XVII century, more particularly in Vieira, a man imbued with the Baroque spirit and very concerned with Social-Christian causes, characterizing the fight between the material and the spiritual world, the possibility to verify the relationship between language and history that allows us to know the sermon amid its production context, at the same time in which allows us to update it at the light of current theories.

In Vieira's peculiar Rhetoric, fruit of his Jesuit education, there is innovation, daring, clarity and objectivity. Such peculiarity does not just result from the favoring of linguistic mechanisms available in the language, but also by the speaker's cultural luggage, verified in practicing the persuasion.

There are many studies on Vieira's work. However, this research is justified for looking for a historical approach, in addition to accomplishing the study of the arrangement and the elocution of the chosen Sermon in a historical-graphical approach.

This was based theoretically on the foundations of the Linguistic Historiography that allows for rereading of the facts regarding the language and its history, through the principles of contextualization, immanence and theoretical adaptation.

The analysis of the sermon demonstrated that the historical-linguistic marks and the persuasion mechanisms found in it reveal the typical thinking of the baroque man and that the success of Vieira's preaching is achieved by its peculiar style, involving rhetorical figures and the interaction between speaker and listener.

Key-Words: Linguistic Historiography, Rhetorical Figures, Persuasion.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
-----------------	----

Capítulo I Historiografia Lingüística.....04

1.1- História e Lingüística	04
1.2- Historiografia.....	08
1.3- Historiografia Lingüística.....	10
1.4- A Metalinguagem.....	11
1.4-1. Metalinguagem Científica.....	13
1.4-2. Os Princípios da Historiografia Lingüística.....	14
1.5- A Questão do Argumento de influência.....	16

Capitulo II A Retórica.....18

2.1-Breve Histórico da Retórica.....	18
2.2-A Retórica Clássica.....	23
2.2.1. As Figuras na Retórica Clássica.....	26
2.3-A Retórica Moderna.....	28
2.4- A Retórica Jesuítica.....	39

Capítulo III Padre Antonio Vieira: O Homem e o Clima de Opinião de Sua Época.....30

3.1-Os Jesuítas e a Companhia de Jesus.....	30
3.2-Ratio Studiorum.....	32
3.3- A Época de Vieira.....	33

3.3.1- Características do Barroco.....	34
3.4- Padre Antonio Vieira: O Homem e Seu Tempo.....	37
Capítulo IV Análise do <i>Corpus</i>.....	41
4.1- O Discurso Religioso.....	43
4.2- O Gênero Sermão.....	45
4.3- Metodologias de Análise.....	47
4.3.1. A Organização do Sermão da Primeira Dominga do	
Advento.....	48
4.4- As Figuras.....	51
4.5- As Figuras Retóricas e a Persuasão.....	55
4.6- Princípio da Adequação.....	59
Considerações finais.....	64
Bibliografia.....	66
ANEXOS_____	

INTRODUÇÃO

Essa Dissertação tem como tema a construção da argumentação no Sermão da Primeira Domingo do Advento do Padre Antonio Vieira e de um de seus recursos lingüísticos, as figuras retóricas. Partimos da hipótese de que as figuras de linguagem presentes no Sermão constituem importantes mecanismos de estilo e de persuasão.

Nossa pesquisa apóia-se na Retórica Clássica e fundamenta-se na Historiografia Lingüística (doravante HL) que se constitui como suporte teórico-metodológico de pesquisa e propõe-se a explicar e descrever características da língua e da história em documentos escritos. Por meio de princípios norteadores da HL, objetivamos examinar no sermão selecionado a língua, a história e o papel de figuras retóricas, que funcionam na organização do sermão de Padre Antonio Vieira como mecanismo de persuasão. A relação entre língua e história permite-nos conhecer o sermão em meio ao seu contexto de produção, ao mesmo tempo em que oportuniza atualizá-lo à luz de teorias atuais.

Além desse objetivo pretendemos, também, examinar, no sermão, os recursos lingüísticos e as figuras retóricas, utilizadas no século XVII, para persuadir o auditório, tendo em vista que tais figuras se constituem como elementos organizadores do funcionamento interno do discurso religioso proferido por Vieira..

Embora nosso estudo apresente um aprofundamento das figuras retóricas em uso no século XVII, nosso trabalho se alicerça na HL, na medida em que operacionalizamos os princípios da contextualização, da imanência e o da adequação teórica, conforme estabelecido por Koerner (1996). Dessa forma, aspectos históricos e lingüísticos estão entrelaçados a uma verificação estilística.

Encontramos no século XVII, mais particularmente em Vieira, um homem imbuído do espírito Barroco e muito preocupado com causas sócio-cristãs, caracterizadoras da luta entre o mundo material e o espiritual, que estão refletidas na relação sagrado e profano, espírito e carne, livre e cativo. Na Retórica peculiar de Vieira, fruto de sua formação jesuítica, há inovação, ousadia, clareza e objetividade. Tal peculiaridade não se dá apenas pelo favorecimento de mecanismos lingüísticos disponíveis na língua, mas também pela bagagem cultural do orador, verificada na prática da persuasão.

Dessa forma, o contexto em que se insere a prosa sermonária de Vieira torna-o polêmico em seu discurso num espaço repleto de manifestações culturais tanto indígenas, como européias e também africanas. Além disso, questões relacionadas à área econômica e administrativa do poder eclesiástico também se fazem presentes em sua prática sermonária.

No sermão de Vieira, encontramos usos significativos da língua, tais como as figuras, aspecto que o converte em material valioso para o estudo da Língua Portuguesa e do homem daquela época. Encontramos em Vieira mecanismos retórico-lingüísticos eficientes da prática sermonária que revelam não só a cristalização de tais mecanismos na língua, como também os transformam em suporte de veracidade e de persuasão.

Assim como o Barroco caracteriza um contexto polêmico, nosso objeto de análise também aborda um tema religioso polêmico, o Apocalipse, sob a ótica da fé católica. Ainda que essa perspectiva seja fundamentada pela religião, não temos a pretensão de examinar o sermão selecionado sob um ponto de vista teológico, mas histórico-lingüístico.

A construção lingüística de um sermão exige do orador uma atitude de acomodação à palavra e à idéia, instaurando diferentes formações discursivas, elemento que despertou em nós profundo interesse por seu estudo. Esses fatores internos motivaram-nos a escolher um sermão de Vieira como *corpus* e a examiná-lo enquanto documento religioso persuasivo, espaço de manifestação da ideologia católica da época, onde língua e história se unem para revelar o homem e a cultura barroca.

Pelo fato de o discurso do Padre Antonio Vieira ser de base religiosa, ele busca a credibilidade de seus argumentos no discurso bíblico, fazendo com que suas palavras se tornem divinas pela ritualização. Tal manobra lingüística opera em seu sermão uma atitude essencialmente argumentativa. Nesse sentido, recorreremos à Retórica Clássica, na medida em que ela nos possibilita verificar o grau de persuasão com que Vieira busca persuadir a corte imperial e todos os que o ouviam.

Estudos sobre a obra de Vieira há muitos. O que distingue nossa pesquisa é o estudo da disposição e da elocução do Sermão escolhido em uma abordagem historiográfica.

Com vistas a atingir nossos objetivos, organizamos a Dissertação em quatro capítulos. No primeiro, apresentamos os pressupostos da Historiografia Lingüística que fundamentam a pesquisa. Trabalha-se a língua em sua dimensão histórica e cultural e

explana-se sobre os elementos que constituem a Historiografia Lingüística, enfatizando a dimensão interdisciplinar.

No segundo capítulo, discorremos sobre o contexto histórico em que Vieira viveu, o que possibilita a discussão das questões lingüísticas, inseridas no espírito de época.

No terceiro capítulo, fazemos reflexões sobre o percurso histórico da Retórica Clássica, bem como sobre suas principais características.

No quarto capítulo, analisamos o corpus selecionado, considerando o papel das figuras retóricas e os princípios da Historiografia Lingüística.

Seguem a esses capítulos, as Considerações Finais, as Referências Bibliográficas e o Anexo.

CAPÍTULO I

HISTORIOGRAFIA LINGÜÍSTICA

Introdução

O tema desse capítulo é a Historiografia Lingüística (HL), disciplina que fundamentará as análises que empreenderemos nessa Dissertação. Temos aqui como meta apresentar reflexões teórico-metodológicas que visam a levantar procedimentos dessa disciplina da Lingüística, os quais permitem ao historiógrafo da língua focar e aprimorar seu objeto de estudo, unindo interdisciplinarmente História e Lingüística.

Assim, focalizaremos os seguintes aspectos: a caracterização da História, da Lingüística e da Historiografia para, em seguida tratar da Historiografia Lingüística, seus procedimentos metodológicos bem como a metalinguagem e a questão do argumento de influência.

1.1 História e Lingüística

Encontramos em Silva & Silva (2005) a possibilidade de reflexão sobre as diferenças entre História e Historiografia. Alguns autores destacam diferentes abordagens, apresentando a visão de historiadores de diferentes perspectivas, ao conceituarem História e Historiografia.

O conceito de História, para a maioria dos autores, não é de fácil explicitação, pois cada corrente de pensamento busca apresentar a sua resposta para a questão “o que é História?”. Daí a pluralidade de significados desse termo, que está em constantes mudanças. O mais importante é estabelecer as linhas gerais do debate em torno da natureza da História.

Nessa discussão, autores mostram, por exemplo, que Ciro Flamarion Cardoso, historiador brasileiro, defende a cientificidade da História, opondo-se a posições que não a concebem como ciência. Silva & Silva (op.cit. p.182) afirmam que

os principais argumentos contra essa cientificidade vêm da crença de que a História se ocupa de acontecimentos únicos que não são passíveis de lei, ao contrário da ciência. Mas a história deixou de estar voltada para fatos singulares e passou a abranger estruturas globais sujeitas a regularidades, como a vida econômica e as estruturas sociais e culturais.

Os historiadores adeptos da Nova História Cultural, abordagem criada no final do século XX, a partir da perspectiva cultural da Nova História francesa, por sua vez, defendem a proximidade da História com a Arte, com a ficção e não com a ciência. Entre eles, White, para quem a história é um gênero da literatura. Ele valoriza a escrita e a narrativa historiográfica e deixa de lado a cientificidade da História.

Ainda objetivando aprofundar esse debate, a fim de chegarem a uma concepção dessa disciplina, Silva & Silva tomam o trabalho do historiador inglês Carr *O que é História?*. Nessa obra, o autor não oferece uma resposta absoluta, pois, para ele, o conceito de História depende da visão que cada um tem de sua própria sociedade e do tempo em que vive. Uma de suas maiores preocupações gira em torno do fato histórico. Assim, Carr diferencia fato e fato histórico: para ele o que separa um acontecimento qualquer de um fato histórico é a importância que o historiador dá a um fato e não a outro, ou seja, um fato só se torna fato histórico mediante a interpretação do historiador. Logo, o cerne da História está na interpretação e não nos fatos; daí considerar que *os fatos só falam quando questionados pelo historiador*.(p.183) Nesse sentido, afirma Carr (2006, p.137) que,

um estágio anterior, vimos que a história começa com a seleção e ordenação dos fatos pelo historiador para que se tornem fatos históricos. Nem todos os fatos são fatos históricos. Mas a distinção entre fatos históricos e não históricos não é rígida ou constante; qualquer fato pode, por assim dizer ser promovido ao status de fato histórico a partir do momento que se distinguem sua relevância e significação.

Sobre a questão da interpretação dos fatos e da relação entre eles e suas causas, Carr (op.cit.p.137) diz que há uma semelhança de processo na abordagem das causas pelo historiador. A relação entre o historiador e as causas dos fatos apresenta o mesmo caráter duplo da relação entre ele e os fatos. Por essa razão,

as causas determinam sua interpretação do processo histórico e a interpretação determina sua seleção e ordenação das causas. A hierarquia das causas, a importância relativa de uma causa ou conjunto de causas, é a essência de sua interpretação, e isto fornece a indicação para o problema do acidental na história.

Em relação à escolha dos fatos, Carr (op.cit.p.137) destaca ainda que o historiador deve ter consciência de que ele abrange uma fração diminuta do aspecto selecionado. Nessa medida,

o mundo do historiador, assim como o mundo do cientista, não é uma cópia do mundo real, mas antes um modelo funcional que lhe possibilita mais ou menos eficazmente compreendê-lo e dominá-lo. O historiador filtra da experiência do passado, ou do tanto de experiência do passado que lhe é acessível, aquela parte que ele reconhece como sujeita a explicação e interpretação racionais e dela tira conclusões que podem servir como um guia de ação.

Também Veyne (Apud Silva & Silva) reflete sobre a questão acima apresentada. Ele não conceitua História, mas afirma que ela não é uma ciência, pois não tem método, nem caráter explicativo. História, em sua visão, é narrativa, só que com personagens reais e, apesar de baseada em fatos e documentos, não pode alcançar o realmente acontecido devido à natureza parcial dos documentos e dos fatos.

Embora considere a História uma narrativa, Veyne não chega a afirmar que História e ficção sejam a mesma coisa. A diferença para ele é que a primeira se preocupa com a verdade e a segunda, com a beleza. Nesse sentido, a História teria como assunto somente aquilo que, realmente, tivesse acontecido.

Silva & Silva ainda afirmam que a visão de História, proposta por Veyne, é bastante relativista: tudo é história. Então, para definir os fatos a serem trabalhados, a escolha e o critério do historiador são indispensáveis. Assim, a História é subjetiva, porque, como tudo é história, ela termina sendo o que foi escolhido pelo historiador.

Outro historiador que também busca um possível conceito de História é Bloch. Sua concepção de História é uma das mais influentes do século XX. Ele é um dos fundadores da Escola dos Annales, juntamente com Lucien Febvre, e valoriza a interdisciplinaridade e a perspectiva de que a História não é uma ciência qualquer, pois trata de narração e de descrição, enquanto a maioria das ciências fixa-se na classificação e na análise. Defende a validade científica da História, caracterizando-a como a ciência do homem no tempo. Para ele, a verdade é um dos princípios fundamentais da História, algo que o historiador deveria sempre procurar identificar. Caberia, assim, ao historiador a tarefa de julgar os fatos, tentando alcançar a verdade.

Pelo exposto, vimos que, para a pergunta ‘‘O que é História?’’, não existe uma resposta fechada ou simples, e muitos são os estudiosos que têm contribuições a dar. Do ponto de vista científico, os historiadores e os pesquisadores que se interessam por História devem procurar responder a essa pergunta.

Apesar da dificuldade de conceituação, nesse trabalho estamos considerando História como sendo uma ciência, que permite analisar e entender os fatos que permaneceram vivos por um certo tempo na vida dos homens, permitindo questionar, no hoje, aquilo que se viveu. Assim, uma história carrega em si os traços próprios de sua época, porém ganha outra possibilidade de existência, quando é observada pelo olhar do historiador.

A Lingüística, por sua vez, revela sua importância, quando Saussure atribui à língua a condição para a existência da fala; sendo assim, a língua constitui-se um objeto que pode de ser estudado separadamente, pois seu caráter social a define como um produto histórico-social.

Desta forma, o historiógrafo da língua conduz seus estudos, observando a interação do homem com o próprio homem nas relações sociais caracterizadas pela

realidade particular de cada indivíduo. Essa interação só é possível, quando cada indivíduo participa linguisticamente do processo de interlocução, que se faz histórico, uma vez que fatores sociopolíticos e culturais registram marcas temporais capazes de transparecer as condições sócio-ideológicas do homem em sua vivência.

Por isso, julgamos que a História relata os fatos e cria um elo entre o passado e o presente, tornando possível uma reflexão que acrescenta algo aos estudos do historiador e do historiógrafo da língua em relação ao seu objeto de estudo e que a Lingüística materializa tais estudos.

Tendo discutido uma possível interdisciplinaridade da História com a Lingüística, a seguir, apresentaremos a conceituação de Historiografia, com vistas a estabelecermos as principais diferenças entre História e Historiografia e entender o alcance da Historiografia Lingüística.

1.2 Historiografia

A Historiografia¹, segundo Silva (2001) é um campo de estudo muito vasto que tem como alvo um autor e o conjunto de suas obras, ou uma comparação entre autores e algumas de suas respectivas obras.

De acordo com Faccina (2002, p. 50),

A história da Historiografia veio de tempos remotos, quando a narrativa dos acontecimentos políticos e militares era exposto como sendo a historia dos grandes homens da época.

A autora nos mostra que essa concepção vai se estender até o Iluminismo, quando se deu a primeira mudança e, nesse período, muitos pensadores europeus começaram a se preocupar com aquilo que até então era denominado de história da sociedade. Tais pensadores se preocuparam, na realidade, com um tipo de narrativa que não mais se limitava ao relato das guerras e das políticas, mas com as leis de

¹ Além dessa concepção apresentada, Forastieri comenta que a Historiografia, ou estudos historiográficos tem por finalidade saber como um determinado tema tem sido tratado ao longo do tempo, por vários autores e varias obras.

comércio, a moral e os costumes, chegando mesmo à reconstrução de comportamentos de valores do passado, integrando às narrativas políticas, uma história sociocultural.

Le Goff & Nora (1976: apud Lapa, 1985, p.49) dizem que:

De qualquer forma, a história nova se afirma na consciência de sua sujeição às suas condições de produção. Não é gratuitamente que cada vez mais ela se interessa por si própria e concede lugar cada vez mais importante e privilegiado à história da História. Produto, ela se pergunta igualmente a respeito de seu produtor, o historiador.

Lapa (op.cit,p. 49) expressa em seu trabalho a idéia que tem sobre Historiografia, dizendo que

Essa é, para nós, uma tarefa que, por sua natureza, cabe à Historiografia: Analisar a produção considerada de História, o trabalho dos historiadores, a evolução do pensamento histórico, destacando as obras representativas, as tendências e projeções.

A principal ferramenta da historiografia são os livros de História. Para Forastieri um estudo historiográfico é uma reflexão sobre os historiadores e suas obras.

Com base nos autores já citados, acreditamos que a historiografia deve ser encarada como um procedimento de extrema importância para qualquer historiador, pois ela permite conhecer o que já se produziu facilitando o trabalho do historiador, que deve iniciar seu trabalho por uma bibliografia específica, fazendo uma seleção historiográfica. Assim, ao realizar esse processo, o historiador reflete sobre o tema estudado em outras obras para elaborar seu trabalho.

Em suma, a Historiografia é uma metodologia de análise que permite verificar os diversos discursos ao longo da história em suas fases de desenvolvimento e produção.

Já expostos os conceitos de História e Historiografia, passamos então para o próximo item de nosso trabalho que focalizará a Historiografia Lingüística.

1.3 Historiografia Lingüística

A HL surgiu na França em 1970 e visa, além dos fatores histórico-sociais, aos fenômenos lingüísticos materializados em documentos. A HL procura reconstruir o ideário explícito ou implicitamente formulado sobre o fenômeno da linguagem, assim como as reflexões destinadas às línguas particulares, em dada época e em determinado contexto social, político e institucional.

De acordo com Altman (1998), a HL não pode ser vista somente como uma simples compilação de dados, fatos, títulos e nomes relacionados ao estudo de eventos ligados à língua e à linguagem. Ela presume uma atividade de seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos fatos relevantes para o quadro de reflexão construído pelo historiógrafo. Assim, não basta incluir quaisquer fatos passados só por serem passados. A arbitrariedade do investigador que seleciona nomes, fatos e datas encontra seu limite na consistência e coerência de relações estabelecidas entre eles. Desse modo, o conhecimento do passado é importante, porque tem a pretensão de informar a ação presente, não para legitimá-lo, mas para o exercício crítico dele. Por essa razão, é necessário fazermos uma distinção entre historiador e historiógrafo, pois ambos trabalham com história, porém, sob enfoques diferentes.

É importante afirmar, também, que a tarefa do historiador e do historiógrafo da língua não deve ser a mesma. Assim, vamos diferenciar as atividades realizadas por ambos.

O historiador deve investigar os fatos, por meio de uma pesquisa empírica, distinguindo, entre elas, aquelas que estão sendo feitas e os êxitos atuais dela. Deve olhar, ainda, os fatos que podem ter desempenhado um papel significativo no estabelecimento de novos compromissos. Isso significa que lhe cabe descrever o processo e a atmosfera de uma “revolução” em curso.

O historiógrafo da língua, por sua vez, deve refletir sobre essas descobertas empíricas, interpretando-as e oferecendo uma explicação adequada dos fatos. Sendo

assim, sua tarefa é a de estabelecer princípios que guiem o historiador. Esses princípios estariam voltados à compreensão do clima de opinião do período e à avaliação particular do objeto de estudo. Portanto, tais princípios exigem que o historiógrafo da língua seja dotado de um conhecimento amplo, que possa não só ter o domínio específico sobre o seu campo de investigação, mas também o domínio sobre a história geral e a Lingüística.

Casagrande (2005: p, 25) destaca que a natureza interdisciplinar da HL requer do investigador um conhecimento amplo dos diversos campos científicos, pois seu campo de investigação deveria comportar vieses que consistiriam em

(...) favorecer o restabelecimento dos fatos mais importantes do nosso passado lingüístico e explicar, tanto quanto possível as razões da mudança de orientação e de ênfase e a possível descontinuidade que delas se pode observar, sua pratica requer, ainda, capacidade de síntese, isto é, a faculdade de destilar o essencial da massa dos fatos empíricos coligidos a partir de fontes primarias.

Como ponto de partida, a fim de estabelecer um possível conceito de HL, buscamos em Bastos e Palma a concepção que revela a HL como sendo o modo de escrever a história do saber lingüístico, com base em princípios científicos, e tendo por objetivo descrever e explicar como se desenvolveu tal saber em um determinado contexto. Dessa forma, essa concepção leva-nos não só à análise de um produto acabado dentro de um recorte no tempo, mas também à consideração de seu processo de produção, conduzindo-nos a uma visão pancrônica da realidade. Afinal, uma obra será sempre explicada mais profundamente, quando nela percebemos as etapas de conhecimento que a construíram.

Exposto o conceito de HL, passaremos agora a apresentar o recurso da metalinguagem e os procedimentos metodológicos utilizados pela HL.

1.4 A Metalinguagem

Observamos em várias leituras a importância da metalinguagem, que Koerner (1996) propõe como recurso de análise de documentos do passado, para ser utilizada antes da operacionalização dos princípios. Segundo ele, aplicar as teorias

lingüísticas modernas a descrições mais antigas da língua em documento pode conduzir o pesquisador a sérias distorções da linguagem, se ele não fizer antes uso da metalinguagem. Essas considerações, como já destacado, dizem, portanto, respeito ao emprego dos diferentes princípios. Nesse sentido, diz Koerner (op.cit.p.25)

Quando trata de determinado assunto na Historiografia Lingüística o historiógrafo não pode fugir à questão, especificamente quando, ao discutir teorias de períodos passados, estiver ao mesmo tempo tentando torná-las acessíveis ao leitor do presente e tentando não distorcer sua intenção e significado originais.

Para desenvolver um conceito de metalinguagem, vamos nos apoiar em Almeida (2003). A metalinguagem pode estar centralizada no código, usando a linguagem para falar dela mesma, como a poesia que fala da poesia, um texto que comenta outro texto e, principalmente, os dicionários que são repletos de metalinguagem.

A função metalingüística pode ser percebida quando, numa mensagem, é o fator código que se faz referente, que é apontado. Chalhoub (1987 apud Almeida 2003:99) afirma que, segundo Jakobson, a lógica moderna aponta para uma linguagem-objeto, que se refere à nomeação das coisas e a uma metalinguagem, cujo objetivo é a linguagem-objeto.

Quando o emissor e o receptor precisam verificar se o código que utilizam é o mesmo, o discurso está desempenhando a função de se auto-referenciar. Pode ser tanto um teste puramente fático para verificação do canal como uma antecipação metalingüística.

Para realizarmos um trabalho em HL, não há, por conseguinte, como prescindir da utilização da metalinguagem e, de modo particular, da metalinguagem científica, que trataremos no próximo item.

1.4.1 Metalinguagem Científica

Almeida em sua pesquisa trata da metalinguagem científica como um recurso que possibilita averiguar os aspectos lingüísticos de um documento, facilitando a sua leitura, pois ela contribui para que se compreendam as linguagens do passado em relação ao presente e a abordagem feita pelo historiador.

A metalinguagem científica torna-se útil no momento do processo analítico, pois ela torna a análise cada vez mais precisa e inquestionável. Assim, o historiógrafo da língua percebe e compreende os momentos do passado, bem como suas características e resgata, no presente, o contexto do passado.

Podemos observar, ainda, a fundamental importância da metalinguagem para a HL que, favorecida por esse recurso, contribui de maneira abrangente para o estudo de documentos. Pelo fato de ser a metalinguagem ampla e geral, pode ser entendida sob dupla perspectiva: a do autor, que constrói os textos com um certo objetivo, e a perspectiva do historiógrafo que tem a língua do documento, do escritor. A metalinguagem, então, é uma possibilidade de evitar-se distorções e apontada por Koerner como indispensável deve anteceder e complementar a operacionalização dos três princípios apontados por Koerner.

A metalinguagem científica permite representarmos os fatos do passado sem que haja equívocos no presente, uma vez que o fenômeno desvio está sempre presente na criação ou reformulação de uma teoria.

Como nosso trabalho tem por objetivo analisar um sermão datado de 1650, a aplicação do recurso da metalinguagem se mostra extremamente útil, pois sua função tem como foco o código e, por essa razão, enfatiza um determinado tempo em que ocorreu uma dada manifestação lingüística, permitindo-nos verificar as características presentes naquela época e atualizá-las de acordo com o código atual.

Por fim, vale ressaltar que a metalinguagem contribui para uma possível releitura do documento a ser analisado e, assim, permite outras construções de sentido para o leitor.

1.4.2 Os princípios em Historiografia Lingüística

Entre os pesquisadores mais consagrados em HL, destacamos Koerner e nele nos apoiamos. Dadas as suas contribuições para os estudos historiográficos em linguagem, explicitamos suas perspectivas metodológicas para a HL. Tais perspectivas revelam a presença da interdisciplinaridade nessa disciplina, permitindo aos pesquisadores, na análise de documentos, relacionarem com a Lingüística, a História, a Sociologia, a Filosofia, entre outras ciências humanas.

Koerner apresenta três princípios que auxiliam o historiógrafo da língua a analisar um documento: o princípio da contextualização, o da imanência e o da adequação teórica.

O primeiro princípio, da Contextualização, diz respeito ao clima de opinião, ao contexto sociocultural da época em que o documento foi redigido, ou, seja, como se apresentava a sociedade, a economia, a religião, a política, a cultura em um dado momento histórico. É a partir desse panorama geral que se analisam os dados específicos.

Já, o segundo princípio, da imanência, estabelece um entendimento entre a Lingüística e a História de forma crítica em relação ao documento analisado, não podendo desviá-lo de sua originalidade e respeitando as linhas teóricas internas, sem que nesse momento haja interferência da teoria moderna. A análise do documento deve estar de acordo com o período de sua elaboração. Isso faz com que o pesquisador passe a olhar o documento como um leitor da época de seu surgimento.

O terceiro princípio, o da adequação teórica, exige do historiógrafo da língua uma visão atual das correntes teóricas, tornando possível uma interpretação do documento por meio da aproximação entre o vocábulo técnico, talvez arcaico, e a terminologia atual.

Além dos princípios, em uma perspectiva metodológica, retomamos aqui cinco importantes pontos metodológicos que foram expostos por Palma e Bastos, com base em Swiggers. O primeiro ponto corresponde aos princípios de Koerner, já mencionados.

O segundo ponto diz respeito aos passos investigativos, que abrangem quatro momentos: seleção, ordenação, reconstrução e interpretação. Em um primeiro momento, faz-se a seleção do material a ser analisado, escolhendo-se (se houver mais de um tipo) aquele que mais se aproxima do objetivo do pesquisador.

Em um segundo momento, no caso de existirem documentos de séculos diferenciados, deve-se ordená-los de acordo com algum critério, como o cronológico, por exemplo. Caracteriza-se, assim, a ordenação das fontes.

Em um terceiro momento, realiza-se a reconstrução de conhecimentos lingüísticos por meio dos recortes temporais, a fim de que se possa atingir o quarto momento, que é o da interpretação crítica do documento, a partir do clima de opinião delineado.

Apresentados os dois primeiros pontos metodológicos, passamos ao aspecto que diz respeito à questão das fontes, o terceiro ponto metodológico do trabalho. Elas podem ser primárias ou secundárias. Primeiramente, é necessário buscar a fonte primária que deve ser uma fonte confiável e original, a fim de que se extraiam dela elementos em que se possam seguramente aplicar os passos investigativos; em seguida, buscam-se as fontes secundárias, nas quais se verifica o que já foi estudado sobre o documento sob observação.

Em suma, o levantamento de dados, que é o primeiro passo para a pesquisa científica, é feito de duas maneiras: pesquisa documental (fonte primária) e pesquisa bibliográfica (fonte secundária). Na pesquisa documental ou fonte primária, a coleta de dados está restrita a documentos escritos ou não e pode ser feita no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois. Por exemplo: textos de literatura, documentos de cartório, gramáticas, contratos, cartas, relatos de viagem etc. A pesquisa bibliográfica ou fonte secundária, por sua vez, engloba a bibliografia já tornada pública em relação ao tema em estudo, desde publicações avulsas, jornais, revistas, livros, monografias, teses etc., até meios de comunicação orais e audiovisuais como rádio, gravações em fita magnética, filmes e televisão.

As dimensões cognitivas (interna) e sociais (externa) são o quarto ponto metodológico. A primeira dimensão inclui-se nos recortes espaço-temporais determinados, buscando amplamente as linhas teóricas de uma determinada época

que orientaram essa dimensão. A segunda, vista como externa, busca alcançar aspectos sociais com relação aos textos teóricos que refletem a análise em questão. A quinta etapa ou ponto metodológico focaliza os critérios de análise. Detectam-se aqui as “categorias”, que, entre outros requisitos, imprimem cientificidade a um trabalho. As categorias de análise são pontos relevantes que emergem das fontes primárias ou secundárias, ou seja, são aspectos que vão ser examinados no interior do documento.

Vale lembrar. Como afirmam Palma & Bastos que não há rigidez na aplicação desses pontos, pois a análise das fontes requer os passos investigativos e que todo esses pontos estão subordinados aos princípios básicos.

1.5 A Questão do Argumento de Influência

De acordo com Nascimento (2005), o argumento de influência é uma questão historiográfica que contempla além de outros fatores, o contexto sociocultural, marcado por interferências implícitas e explícitas, ou seja, idéias que são influenciadas antes ou durante a produção de um texto/documento, pois o documento se organiza no convívio cultural de uma sociedade e, portanto, carrega em si uma série de influências que são compartilhadas pelo grupo social. Sendo assim, por meio de sua vivência, o autor compartilha em sua obra experiências individuais, intelectuais inerentes a sua época, abrangendo o passado e o presente. Mas o principal ponto a respeito do argumento de influência é a possibilidade de se questionar a originalidade de um documento, resultando, assim, em caminhos que apresentam as influências no decorrer histórico da produção do documento e as “características” de seu produtor.

Na HL, faz-se necessário para interpretar, com maior precisão, um documento, levar em consideração os dados internos e externos a ele. Apesar de não serem dependentes um do outro, os dados internos e externos permitem verificar correlações que deixam de ser meras semelhanças, pois os dados transpassam influências contextuais compartilhadas.

Por fim, o argumento de influência aponta para dois caminhos: o individual e o social. No processo de formação intelectual do historiador, o cotidiano carrega em si as influências, caracterizando os valores pessoais do produtor e de seu tempo. Assim, o pesquisador deve estabelecer relações entre o *peçoal* do produtor e o clima de opinião do passado e do presente.

O próximo capítulo apresentará a Retórica e seu desenvolvimento histórico ao longo dos tempos e a Retórica Jesuíta. Abordaremos, também, nesse capítulo, uma das formas de se observar o discurso de Vieira, ou seja, por meio das figuras de linguagem.

CAPÍTULO II

A RETÓRICA

Introdução

Como o nosso trabalho tem por objetivo analisar os recursos retóricos e lingüísticos utilizados no Sermão da Primeira Domingo do Advento do Padre Vieira, apresentaremos, para uma breve reflexão histórica, a Retórica Clássica e a Retórica Jesuítica. Sendo assim, esse capítulo estrutura-se da seguinte forma: de início faz-se uma breve reflexão histórica da Retórica; em seguida, foca-se a Retórica Clássica com seus recursos lingüísticos, ou seja, as figuras na Retórica Clássica e, em seguida finalizamos este capítulo apresentando a Retórica Jesuíta.

2.1 Breve Histórico da Retórica

Podemos considerar a Retórica como sendo o primeiro momento de reflexão sistemática sobre os poderes da linguagem, pois a sociedade que presenciou seu nascimento estava vivendo mudanças inéditas. Ocorriam mudanças no sistema democrático que conduziram a novas formas de conflitos de interesses. Deixando para trás antigos meios de se resolverem os conflitos por meio da violência, estabelece-se que as contendas deveriam ser resolvidas perante um público determinado: o dos pares, que se denomina público, ou dos especialistas, juízes e outros. Sendo assim, a força física, que era uma grande aliada dos métodos antigos, perde a sua importância, deixando aberto o caminho para aqueles que obtinham o domínio sobre os signos, facilitando a adesão da coletividade.

Qual seria o objeto da Retórica? Poderíamos afirmar que seu objeto é o discurso, ou os discursos. Mas se ela era sinônimo de desenvolvimento oratório, sensacional e formal, poderíamos afirmar que ela é considerada por muitos estudiosos uma ciência ultrapassada nos tempos atuais, tendo perdido seu título de

provedora de eloquência, pois a mídia exerce um poder simbólico sobrenatural quando une em seus propósitos, palavras e imagens. (Cf. Klinkenberg In: Lineide Mosca 1997:11).

A retórica não pode ser considerada uma ciência ultrapassada, haja vista que todo uso da linguagem pressupõe objetivos a serem atingidos, a argumentatividade é constitutiva de toda utilização da linguagem e todo processo de interação social se faz na e pela linguagem. Portanto, a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade (Cf. Koch :1993:10). Nesse sentido, a retórica é uma ciência que deve merecer um lugar de destaque nas ciências da linguagem.

A Retórica se faz presente nos discursos da Filosofia, Lingüística, Semiótica, Antropologia, Sociologia, Psicologia entre outras áreas do conhecimento humano. Assim, retomamos a grande mudança vivenciada por aqueles que acompanharam o nascimento da Retórica, pois essas áreas do conhecimento humano não fazem outra coisa senão apresentar, perante um público, aquilo que acreditam ser verdade.

As contribuições da Retórica nunca foram esquecidas ou deixadas de lado. O que muda nesse momento são os objetivos constituídos da sociedade que determinam os objetos da Retórica recolocando a língua em sua função comunicativa. (cf. Mosca 1997:11-15).

É importante lembrar que, como afirma Pitta (2003:34),

(...) a evolução histórica da retórica vem sendo analisada em função de três importantes períodos cronologicamente denominados de: Retórica Antiga, Retórica Clássica e Nova Retórica, devemos notar que, em qualquer uma delas, foi a persuasão que permaneceu como o principal instrumento de comunicação persuasiva, tanto que tendo surgido na Antiguidade como técnica de persuasão, é ainda dessa forma que continua a ser encarada por Perelman e pela generalidade dos autores contemporâneos.

Reboul (2000), salienta que, para entendermos a história de Retórica, é necessário tomarmos duas datas como referência: 480 a.C quando ocorre a batalha

de Salamina, na qual os gregos coligados triunfaram definitivamente sobre a invasão persa, quando começou o grande período da Grécia clássica, e 399, ainda antes da nossa era, marcada pela morte de Sócrates.

Reboul ainda nos afirma que a Retórica não nasceu em Atenas, mas na Sicília grega por volta de 465, após a expulsão dos tiranos. Destaca que sua origem não é literária, mas judiciária. Os cidadãos, despojados pelos tiranos, reclamavam seus bens, e à guerra civil seguiram-se inúmeros conflitos judiciais. Numa época em que não existiam advogados, era preciso dar aos litigantes um meio de defender sua causa. Certo Córax, discípulo do filósofo Empédocles, e o seu próprio discípulo, Tísias, publicaram então uma “arte oratória”, coletânea de preceitos práticos que continha exemplos para o uso das pessoas que recorressem à justiça. Córax definia a retórica como sendo “criadora de persuasão”. Atenas tinha estreitos laços com a Sicília e, imediatamente, adotou a Retórica.

Como afirmam Palma & Zanotto (2000:18,119).

A Retórica, marcada por uma origem envolta em lenda e mistério, surge no século IV a.C., na Sicília, em Siracusa, tendo por objetivo preparar o cidadão para a defesa, em tribunais públicos, de seu direito de posse à terra, usurpado por dois ditadores cruéis Gélon e Hiéron...

As autoras ainda afirmam que, nesses júris públicos, a eloquência era fundamental para convencer os juízes. Corax e Tísias são os primeiros mestres-retores em cuja escola os siracusanos aprendiam as técnicas da persuasão, meta primordial dessa disciplina.

Tal disciplina é uma retórica judiciária, portanto, sem alcance literário ou filosófico, mas que ia ao encontro de uma enorme necessidade: como não existiam advogados, os litigantes recorriam a logógrafos, espécie de escrivão público, que redigiam as queixas desses litigantes e só tinham de ler diante do tribunal.

Da Sicília a Retórica é levada, por Górgias, para a Atenas, e nessa cidade-estado, Gorgias teria iniciado uma das primeiras escolas de Retórica em meados de 427 a.C. A princípio teria apenas o objetivo de formar advogados e políticos.

Aristóteles, (s/d: 33) considera a Retórica uma técnica, entendida como sendo “a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de

gerar persuasão.” Mostra ainda que a Retórica parece ser capaz de descobrir o que é próprio para persuadir .

Melo (2005:40) salienta que Aristóteles ouviu, por muitos anos, as lições de Platão na academia de Atenas. Aos 50 anos de idade, fundou sua própria escola, que se chamava Liceu. Ele foi, segundo a autora, um professor, e suas obras foram escritas para os seus alunos. A filosofia aristotélica influenciou muito no pensamento do mundo ocidental, pois estabeleceu um modelo de equilíbrio doutrinário de penetração especulativa e de método expositivo. Sua maior descoberta foi a argumentação, bem como a criação de uma nova ciência, a do raciocínio, ou seja, a lógica.

Aristóteles não ensinava a prática da eloquência, mas o estudo do processo dessa prática. A retórica não é ciência; ela é, de acordo com Reboul (2000:14), a Arte de persuadir pelo discurso e formula as regras da criação de discursos que visam a persuadir e a descobrir o que existe de persuasivo em cada caso.

A Retórica, diz Aristóteles, tende a um ensinamento, não pertence a um gênero particular, assemelha-se à dialética. Cabe a ela produzir provas, sobre cada assunto, verificando o que é possível persuadir. A Retórica tem por tarefa discernir os meios de persuadir. A persuasão é obtida pelo caráter moral do orador, ou seja, quando o discurso revela que ele é digno de confiança. Portanto, o orador persuade os ouvintes, quando seu discurso leva-os a sentir paixão pelo fato, que é apresentado como verdade, ou que parece ser verdade.

A **Retórica Antiga** tem seu início com Aristóteles. A Retórica completa é pós-aristotélica. Constituiu-se das seguintes partes: **invenção**: descoberta do que dizer; **disposição**: organização do material levantado; **elocução**: produção lingüística do discurso e sua ornamentação; **memória**: ato de decorar o discurso e **ação**: apresentação do discurso como um ator. Chama-se Antiga apenas para se diferenciar das demais Retóricas que dela derivam.

Conforme apontam Palma & Zanotto (2000:120) essa Retórica pós-aristotélica marca a passagem para a Retórica Clássica e, nesse momento, pode ser entendida como a arte de persuadir, utilizando-se da palavra como instrumento de atuação sobre o outro. As autoras ainda afirmam que a expressão lingüística é o

meio para se atingir o fim último, qual seja, o auditório, por meio de provas lógicas, psicológicas, e morais. Sendo assim, a Retórica enfoca o estudo desses recursos, ensinando a praticar o tipo de discurso conveniente a cada situação particular e específica à qual está submetido o locutor, permitindo que ele, em sua realidade, seja eloqüente em seu discurso.

Por essa razão, dois fatores importantes devem ser considerados: A queda da eloqüência por motivos sócio-políticos que resultaram no desaparecimento das liberdades de expressão e políticas, outro fator seria o surgimento de uma civilização cristã, que valorizava o pensamento em detrimento da palavra, deslocando, assim, o foco da Retórica para a poesia.

Assim, a Retórica deixa de ser considerada como sendo a arte da eloqüência e passa a refletir sobre a linguagem pela linguagem por meio da poesia, caracterizando a chamada Retórica Clássica², que, no século XVII, tem como eixo básico a elocução. É esta última que fornece ao usuário recursos lingüísticos embelezadores de seu discurso, a fim de atingir a função estética. A elocução diz respeito às qualidades do estilo, o que gera a concepção das figuras como ornato e revestimento do pensamento.

As figuras retóricas, conforme afirma Melo (2005), são recursos lingüísticos que desempenham importantes papéis na persuasão e possuem alto poder persuasivo, pois ativam nosso sistema límbico³, região do cérebro responsável pelas emoções. Criam imagens, humor, encantamento e auxiliam os processos argumentativos.

Abreu (2005:105) também afirma que as figuras retóricas são recursos lingüísticos e acrescenta que são recursos utilizados especialmente a serviço da persuasão e que,

se dissermos, por exemplo, que uma criança precisa apenas brincar e não aprender a ler aos três anos de idade, contrariamente a algumas teorias recentes, estaremos simplesmente enunciando uma tese, tendo por objetivo convencer alguém, falando à sua razão. Se dissermos,

² Essa retórica inicia-se no século I d. C, com Quintiliano e estende-se até o século XVIII, com Dumarsais.

³ Sistema Limbico é uma unidade, no cérebro, responsável pelas emoções.

entretanto, que uma criança precisa aprender a ler aos três anos, tanto quanto um peixe precisa aprender a andar de bicicleta, isso já tem um efeito persuasivo, pois confronta a idéia absurda de um peixe andar de bicicleta, com a idéia de uma criança aprender a ler aos três anos.

2.2 A Retórica Clássica

Encontramos em Lausberg (1967) a possibilidade de apresentar as principais características da Retórica Clássica. Segundo ele, a retórica, em sentido lato, é a arte do discurso em geral que é exercida por qualquer indivíduo ativamente participante na vida de uma sociedade. Já em sentido restrito afirma esse autor que ela deve ser compreendida como a arte do discurso partidário exercida principalmente perante os tribunais.

A Retórica, na fase em que recebe o nome de Clássica, passa a ser tratada como a arte de bem falar, ou seja, a arte de falar (ou escrever) de modo ornado, isto é, o discurso deve ser pautado pela beleza, o que é obtido por meio de um conjunto rígido de normas, cuja finalidade é a regulação do uso da palavra. É por essa razão que, para Quintiliano, representante dessa Retórica, o locutor deveria preocupar-se em falar bem e não em vencer o interlocutor de seu ponto de vista.

A Retórica é um sistema de elaboração das formas de pensamento e de linguagem, as quais podem servir de auxílio no ato do discurso para se obter, em determinada situação, o fato que se pretende. Todo aquele que tenha de aplicar uma forma desse sistema realiza essa ação sem que seja necessário ter consciência de que está utilizando essa forma, pois a aplicação do sistema torna-se automática.

O que precisa ser consciente é a intencionalidade do falante que expõe os conteúdos que causarão efeitos nos ouvintes. Para que isso seja possível, é necessário levar em consideração duas condições:

- a) o ouvinte tem de encontrar-se, atual e ativamente, numa situação comum à do sujeito falante e essa situação deve ser interessante para ele;
- b) o ouvinte deve dominar, pelo menos empiricamente, as mesmas formas lingüísticas (gramaticais e lexicais) do sujeito falante.

Vale ressaltar que o domínio prático ou o conhecimento teórico das formas retóricas são objetos dominados pelo sujeito falante e não, necessariamente, pelo ouvinte. Esse domínio prático desenvolve-se como um discurso em geral que é uma articulação de instrumentos lingüísticos. Essa articulação é considerada pelo sujeito como um todo em relação a uma situação, e é empregada por ele com a intenção de alterá-la. Essa alteração está em poder do árbitro da situação, ou seja, de quem está ouvindo o discurso individual daquele que se defende ou propõe algo. De acordo com Lausberg (1967:80), o interesse em mudar a situação é chamado de ato processual ou, no caso de ela ser moderadamente perigosa, de conversação.

Essa Arte, como bem define o autor, forma-se escolarmente como dialética. A Retórica, relacionada ao discurso individual, é, por esse motivo, uma parte da Dialética, na medida em que o discurso individual é orientado com vistas à situação e ao ato processual do momento.

O discurso que envolve uma situação divide-se em duas classes: discurso de uso único e discurso de uso repetido. O primeiro é proferido uma só vez, pelo sujeito falante numa determinada situação histórica (pública ou privada) com a intenção de modificar a situação. Já o discurso de uso repetido é um discurso que é pronunciado pelo mesmo orador, ou por oradores que respectivamente se alteram, em situações típicas que se repetem periodicamente ou não. Assim, com sucesso, a situação torna-se dominada pelo orador e permanece inalterada para sempre.

A Retórica Clássica, na visão de Perelman, é a arte de bem falar, ou seja, a arte de falar (ou escrever) de modo persuasivo, que se propõe a estudar meios discursivos de ação sobre um auditório, com o intuito de conquistar ou aumentar sua adesão às teses que se apresentavam ao seu entendimento.

De acordo com Abreu (2005), a principal tarefa da retórica clássica, de natureza heurística⁴, era descobrir temas conceituais para discussão. Uma das técnicas mais usadas pelos professores de Retórica nessa época, afirma o autor, era a de criar paradoxos – opiniões contrárias ao senso comum-levando seus ouvintes ou leitores a experimentarem o que costumavam chamar de maravilhamento, capacidade de voltar a se surpreender com aquilo que o hábito vai tornando comum.

⁴ Método de análise que visa ao descobrimento e ao estudo de verdades científicas.

Uma das características do paradoxo, afirma Abreu, era a criação de discursos a partir do antímodo, ou seja, escolhia-se um tema já conhecido, cuja opinião já estivesse formada pelo senso comum e escrevia-se um texto contrariando essa opinião. De acordo com a teoria da elaboração, proposta por Lausberg, para que se obtenha sucesso persuasivo é necessário elaborá-lo muito bem. A elaboração da matéria prevê cinco fases para a produção do discurso: *Inventio* (encontrar pensamento), *dispositio* (escolha e ordenação daquilo que se pretende expor), *elocutio* (expressão lingüística dos pensamentos), *memória* (memorização do discurso) e *pronuntiatio* (pronúncia de um discurso), sendo que *inventio*, *dispositio* e *elocutio* estão intimamente ligadas.

A *inventio* não pode separar-se, de antemão, da *dispositio*, na medida em que as diferentes partes do discurso exigem pensamentos diferentes. A parte inicial do discurso (*exórdio*) tem por finalidade atrair a atenção e a boa aceitação do juiz para a causa defendida no discurso, enquanto a sua parte central tem como modelo a sequência *propositio* e *rationes* (provas). A *dispositio*, por sua vez, é constituída pela escolha e ordenação favoráveis que no discurso se fazem dos pensamentos, das formulações lingüísticas e das formas artísticas (figuras).

A *elocutio* apresenta uma multiplicidade de possibilidades lingüísticas de expressão, facilitando a caracterização do estilo de cada autor ou orador. Ela corresponde a dois domínios importantes da formação lingüística: às palavras isoladas e às palavras na construção frásica. A primeira diz respeito ao verbo e a segunda, ao momento em que, por meio da escolha, o autor se utiliza dessa palavra na frase, ou seja, o autor, para exemplificar o quanto um determinado *trabalhador está fadigado pelo seu trabalho*, pode escolher isoladamente a palavra *morte* e usar essa palavra no momento da construção da frase para enfatizar que *o trabalhador está morto de cansaço*.

O orador (autor) dispõe em sua memória de um conjunto de possibilidades de formação de frases e é a partir daí que ele faz a sua seleção para que assim possa enriquecer seu discurso e atingir seus objetivos. Esse conjunto de possibilidades são as figuras que ornarão seu discurso. As figuras são maneiras de falar distantes daquelas que são naturais e ordinárias.

Estão contidas nessa distinção as dicotomias sentido próprio/figurado e sentido literal/figurado. Na retórica clássica, costuma-se dividir a linguagem figurada em três grupos distintos: tropos; figuras de palavras e figuras de pensamento.

2.2.1 As figuras na Retórica Clássica

Os tropos são figuras pelas quais se atribui a uma palavra uma significação que não é a significação própria dessa palavra. Os tropos eram descritos como figuras que implicavam uma nova significação das palavras e recebiam diferentes denominações de acordo com o modo de relação entre a considerada primeira significação (a própria) e a segunda (a figurada), significações essas que causavam estranhamento.

As figuras de palavras caracterizam-se por apresentar sempre dois elementos: um termo real e outro ideal. Tais figuras, relacionadas à gramática, focalizam a expressão e podem tomar as palavras no seu sentido próprio.

As figuras de pensamento dizem respeito aos pensamentos encontrados pelo sujeito falante para a elaboração do discurso.

Os tipos mais comuns são:

-Metáfora: Implica em comparação mental por meio de palavras ou de pensamentos e além de procurar a concisão, transfigura o sentido das palavras, dando a idéia de um transporte e de uma mutação

-Paradoxo: uma declaração aparentemente verdadeira que leva a uma contradição lógica ou a uma situação que contradiz a intuição comum.

-Narração: consiste em apresentar, comunicar, aquilo que se deseja provar pelo discurso partidário.

-Descrição: se faz presente no momento em que se pretende comunicar algo como, por exemplo: a cena de uma paisagem com árvores, um riacho etc. Teria talvez fins didáticos.

-Comparação: consiste em atribuir características de um ser a outro, em virtude de uma determinada semelhança.

-Subjeção ou sujeição: a subjeção ou sujeição se faz por meio da evidência de que é desnecessária uma formulação interrogativa. Por isso, não se espera uma resposta a essa pergunta, pois, própria pergunta já possui uma resposta apresentada em seguida pelo autor.

-Antítese: é a substituição de um elemento que até o momento pertence à totalidade, por um elemento, até agora estranho a essa totalidade.

-Gradação: consiste na enumeração sucessiva de circunstâncias agravantes (aumentativas). Manifesta a continuação independente do pensamento no segundo grupo de palavras.

A retórica clássica baseava-se, portanto, na diversidade de pontos de vista, no verossímil, e não em verdades absolutas. Isso fez com que a dialética e a Filosofia da época se aliassem contra ela. Platão, por exemplo, em obra chamada *Górgias*, procura mostrar que a Retórica visava apenas aos resultados, enquanto a Filosofia visava sempre ao verdadeiro.

Isso fez com que a Retórica decaísse perante a opinião pública (discursado senso comum) ao longo dos séculos. A própria palavra sofista passou a designar pessoa de má-fé que procura enganar, utilizando argumentos falsos. Os sofistas, conforme afirma Reboul (2000:09), criaram a Retórica como arte do discurso persuasivo e disseram que a verdade não passa de um acordo entre os interlocutores.

Abreu também comenta em sua obra que um dos motivos do declínio da Retórica foi que a experiência democrática dos gregos foi muito curta. Acabou em 404 a.C., quando Atenas foi subjugada por Esparta, ficando assim eliminado o espaço para a livre crítica de idéias e o debate de opiniões.

Sendo assim, a Retórica Clássica caracteriza-se, como uma teoria da composição e do estilo, como uma arte do bem falar e do bem escrever.

De acordo com Lausberg (1967: 91), a elaboração do discurso passa por uma fase em que se devem encontrar pensamentos adequados ao próprio discurso conforme o interesse de quem o faz, pois, a organização desses pensamentos serve como instrumentos intelectuais e afetivos, com a finalidade de persuadir o público. Essa persuasão só é possível quando se cria um grau de credibilidade.

Após ter organizado seus pensamentos, o orador deverá, em um primeiro momento, ou seja, na parte inicial, atrair a atenção, a boa aceitação do público sobre o que apresentará em seu discurso.

Em um segundo momento, na parte central do discurso, o orador procura comunicar-se com seu público, a fim de apresentar e provar aquilo que se defende. Ao realizar esse processo o orador apresenta as provas que podem ser objetivas, cuja finalidade é convencer os ouvintes intelectualmente ou afetivamente.

No terceiro e ultimo momento, a parte final do discurso, corresponde à conclusão. Apoiando-se nessa certeza o orador convida seus ouvintes a aceitar como verdade aquilo que ele defendeu durante as partes inicial e central.

2.3 A Retórica Moderna

A Retórica Moderna, iniciada por Fontanier com a publicação da obra *Tropos* (1821), em que o autor classificou essas figuras, exerce forte influência nos trabalhos realizados na segunda metade do século XIX. Nesse aspecto, a Retórica Moderna impõe-se sob a proteção da taxionomia, sendo relevante destacar que, das cinco partes da Retórica Clássica, a elocução é a única que sobrevive soberana, concebida como longas listas de figuras que variam de autor para autor. Com a perda de partes da Retórica Antiga, surge a Retórica Restrita que é caracterizada por se limitar a duas figuras: a metáfora e a metonímia.

Palma & Zanotto (2000:124) comentam que,

Ao tratar-se da argumentação, é importante que se apresente a Nova Retórica. Ela apresenta o renascer da antiga disciplina persuasória, mas com nova configuração, visto servir-se das contribuições de diversas disciplinas, que muito avançaram no século XX, como a Lingüística, a teoria da informação, a Pragmática, a Semiótica, entre outras.

Os estudos de Retórica são retomados em 1958, quando Chaim Perelman & Olbrechts-Tyteca publicam o Tratado da Argumentação - A Nova Retórica. A proposta dos autores é estudar as técnicas discursivas que levam ao convencimento

por meio de uma linguagem natural com a finalidade de adesão do interlocutor à tese defendida. A Nova Retórica é caracterizada por sua Teoria da Argumentação, marcada pela retórica aristotélica, e enfatiza a construção de argumentos sem abandonar as questões de composição e de estilo. Os autores apresentam uma nova proposta quanto ao uso das figuras argumentativas contendo as figuras de caracterização, de presença e as figuras de comunhão. Sendo assim, a Nova Retórica desconsidera a possibilidade de que as figuras sejam simples ornamentos do discurso conforme apontavam as Retóricas clássicas e modernas.

2.4 A Retórica Jesuítica

A Companhia de Jesus, fundada em 1540, por Inácio de Loyola, considera-se a serviço direto dos interesses do papa. Ela entende lutar *no século*, de modo *prático*, não só contra a ignorância e o paganismo, mas também contra todos os desvios ou heresias nascentes. A publicação em 1599 do novo programa de ensino jesuíta, a *Ratio studiorum*, apresenta a volta de estudos das humanidades em lugar das ciências, da Poética e da Retórica em detrimento da Lógica e da Filosofia. Esse programa de ensino é aplicado tanto nos numerosos colégios jesuítas fundados pela Europa quanto além-mar; ele é também imposto por decreto real À Universidade de Paris e aos colégios que dela dependem. Por essa razão, a partir do século XVII, o ensino jesuíta contribuiu largamente para se associar a Retórica ao espírito da Corte e à defesa dos poderes monárquicos e pontificais. Nos países católicos, a popularidade da retórica estava ligada à dos jesuítas. A Retórica Jesuítica era considerada uma arma militante para recolher o rebanho e reconquistar as almas perdidas.

No próximo capítulo, desenvolveremos o princípio da contextualização, quando mostraremos a época e a vida do padre Antonio Vieira.

CAPÍTULO III

PADRE ANTÔNIO VIEIRA: O HOMEM E O CLIMA DE OPINIÃO DE SUA ÉPOCA

Introdução

Como o nosso objetivo é analisar um sermão de Vieira, é necessário que façamos um levantamento biográfico do autor, relacionando-o ao contexto em que viveu, pois isso facilitará a compreensão da importância desse homem e seu trabalho aqui no Brasil. Essa relação é importante, de acordo com as discussões teórico-metodológicas do GP e HL (Bastos e Palma, 2006,p.13), uma vez que a vida do autor estudado está estreitamente relacionada às questões de linguagem vigentes em sua época, podendo sua obra representar continuidade ou ruptura, quando comparada aos modelos em vigor. Portanto, a biografia do Padre Vieira e o clima cultural de sua época constituem a contextualização, objeto de estudo deste capítulo. Sendo assim, este capítulo apresenta a ordem dos jesuítas e a companhia de Jesus, em seguida as características da pedagogia jesuítica baseada no *Ratio Studiorum*. Também se faz necessário mostrar o Padre Antonio Vieira e sua época finalizando o capítulo com as características do Barroco.

3.1 Os Jesuítas e a Companhia de Jesus

Os jesuítas – nome dado aos membros da Companhia de Jesus -formaram uma ordem religiosa masculina fundada em 1540 por Santo Inácio de Loiola, sacerdote espanhol, que estava à disposição do Papa. A atividade intelectual, pedagógica, missionária e assistencial dos jesuítas realizou-se sempre com a intenção de engrandecer o nome de Deus. Pela dedicação a seus objetivos, os Jesuítas receberam as mais radicais reprovações e os mais exaltados elogios.

A Companhia de Jesus, segundo Leite (1964), teve sua fundação e expansão quando o jovem aristocrata e militar Inácio de Loiola experimentou uma profunda

conversão espiritual, inspirada pelas leituras de livros sobre a vida dos santos, o que o levou a dedicar-se ao serviço de Cristo.

Mais tarde, enquanto estudava Teologia em Paris, atraiu, com os exercícios espirituais, seis entusiastas companheiros. Juntos fizeram votos de pobreza, castidade e obediência e de peregrinar a Jerusalém, formando, assim, o núcleo da futura ordem. O Papa Paulo III aprovou-a em 1540, com o nome de Companhia de Jesus e, no ano seguinte, Loiola foi eleito Superior Geral.

A ânsia de dar maior agilidade e eficácia à nova ordem levou Loiola a suprimir a obrigatoriedade de algumas praticas tradicionais, como a assistência diária ao ofício litúrgico no coro ou determinadas penitências e jejuns. Em troca, deu ênfase à obediência, reforçando o princípio da autoridade e da hierarquia e introduzindo um voto especial de obediência ao Papa.

Durante o século XVI, a Companhia de Jesus estendeu-se rapidamente por toda a Europa e incentivou a reforma interna da Igreja Católica para contrapor-se à Reforma Luterana. Participou ativamente do Concílio de Trento e das disputas teológicas. Empenhou-se na pregação religiosa e no ensino que ia desde a difusão do catecismo entre as crianças e “pessoas rudes” até a criação de seminários.

A Ordem estava espalhada por todo o mundo, organizada em províncias, governadas por um provincial e agrupada em assistências. O poder dentro da ordem competia à congregação geral, formada pelos provinciais e delegados eleitos por períodos determinados por cada congregação provincial. A congregação geral elegia um superior que, embora vitalício, podia ser deposto pelo Papa, por decisão própria ou por sugestão da congregação geral.

Como já dissemos, o objetivo da Companhia era o de ir por todo o mundo, mas daremos ênfase apenas à parte que nos interessa, ou seja, os jesuítas no Brasil.

Leite ainda firma que em meados de 1541, chegaram ao Brasil os primeiros missionários da Companhia de Jesus. O primeiro grupo tinha como superior o Padre Manuel da Nóbrega e foi integrado pelos padres João Navarro, Antonio Pires, Leonardo Nunes e os irmãos Vicente Rodrigues e Diogo Jácome.

Fundaram a cidade de Salvador e criaram o colégio da Bahia. Em seguida, estenderam a assistência religiosa às capitanias de Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, São Vicente e Pernambuco, entre outras regiões brasileiras.

Em 1553, foi criada a província jesuítica do Brasil. Nesse mesmo ano, chegava à Colônia, ainda como estudante, o Padre José de Anchieta. Até 1605, vieram para o Brasil, em 28 levadas ou expedições, 169 religiosos da Companhia, entre Padres e irmãos. O Padre Manuel da Nóbrega resolveu instalar o noviciado no Brasil, logo no início, aproveitando a vocação para o sacerdócio dos próprios filhos da terra.

Em 1605, os jesuítas já estavam estabelecidos em todo o litoral brasileiro. Nesse período de expansão, além de contribuírem para a edificação das cidades de Salvador e Rio de Janeiro, fundaram por iniciativa própria a cidade de São Paulo, em Piratininga no interior da Capitania de São Vicente.

Com as bases que lançaram no século XVI, os jesuítas conquistaram o mérito de introduzir o ensino, inclusive de artes e ofícios necessários à vida cotidiana, como medicina e arquitetura, de promover o teatro e de registrar os fatos importantes da história de seu tempo.

3.2 Ratio Studiorum

Leite diz que no século XVII, a cultura escolar jesuítica tinha como fundamento o ensino baseado na *Ratio Studiorum* que era ligado à política católica portuguesa como um conjunto de normas que definiriam os saberes e as condutas a serem desenvolvidos bem como um conjunto de práticas que permitiam a transmissão desses saberes.

Em 1581, o Pe. Claudio Acquaviva⁵, nomeou uma comissão de doze padres para formular a ordem de estudos que se deveria guardar na Companhia. A principal característica dessa ordem era a de que o conhecimento deve ser produto da prática coletiva dos padres que repetem saberes autorizados como aplicação imediatamente útil.

⁵ Geral da Companhia de Jesus

Esse comportamento, aplicado ao ensino, garantia a característica própria da Companhia por meio do pensamento e da ação entre os padres pois deviam estabelecer uma marca de educação que uniformizasse a doutrina em questões especulativas e que prescrevesse o modo de tratar as Letras, as Artes e a Teologia na prática.

Algumas características inerentes à Companhia de Jesus desde a sua fundação são mantidas e sistematizadas na *Ratio Studiorum* de 1599, caracterizando o ensino ministrado no século XVII. O *Ratio Studiorum* centrava-se no ensino das Letras, Artes, e Teologia no sentido de desenvolver as capacidades de assimilação, transferir e aplicar conhecimentos como intervenção nas questões do presente. Em meio à Contra-reforma, as intervenções não poderiam ser contraditórias em relação à fé cristã. Sendo assim, o sentido das normas e práticas da *Ratio Studiorum* é um sistema muito rigoroso, seguindo com a máxima fidelidade a tradição e os textos canônicos autorizados pela Igreja a partir do Concílio de Trento.

Por essa razão, tendo em vista que a finalidade de todo ensino é a ação, a prática jesuítica da retórica aprendida como exercício visava a desenvolver a agilidade no manejo da erudição, principalmente a erudição doutrinária e sempre apresentando seus estudos subordinados à finalidade contra-reformista de combater as heresias e converter os gentios. Foi essa formação que Vieira recebeu na Companhia de Jesus.

3.3 A época de Vieira

No século XVII, consolidaram-se diversas monarquias européias enriquecidas pela intensificação do comércio internacional e pela exploração das colônias ultramarinas. Ao lado da nobreza e do clero, fortalecia-se a classe burguesa, que acumulava e administrava boa parte da riqueza. As ciências obtiveram avanços significativos, graças a Galileu Galilei, a Descartes e a outros pensadores. Ao fragmentar o poder da Igreja, a Reforma protestante contribuiu para o fortalecimento das monarquias. No bojo da Contra-Reforma, surgiram a Inquisição e a Companhia de Jesus, que prosperaram com maior intensidade na

Península Ibérica. As atividades artísticas e literárias concentraram-se nos países latinos, em especial na Itália, Espanha e Portugal, refletindo a revalorização da fé católica. A arte renascentista tivera seu apogeu na Itália; a arte barroca alcançaria suas melhores realizações na Espanha.

Em contraste com o apogeu espanhol, desmoronou nessa época o poderio político-econômico que Portugal havia conquistado. O país foi anexado à Espanha após uma grave crise política decorrente do desaparecimento do rei D. Sebastião, que não deixara herdeiros. Nesse período (1580-1640), o Brasil tornou-se uma espécie de subcolônia, já que sua própria Metrópole havia perdido a independência.

A unificação da Península veio favorecer a luta conduzida pela companhia de Jesus em nome da Contra-Reforma: o ensino torna-se quase um monopólio dos jesuítas, e a censura eclesiástica, um obstáculo a qualquer avanço no campo científico cultural.

É nesse clima que se desenvolve a estética barroca, notadamente nos anos de domínio espanhol, já que a Espanha é o principal foco do novo estilo.

3.3.1 Características do Barroco

De acordo com Moisés (2001) dá-se o nome de Barroco ao movimento artístico que predominou no século XVII, em contraposição ao Renascimento, que predominou no século XVI e assim que *“termina a Renascença em Portugal principia a extensa época do Barroco”*.

Esse novo estilo de época reflete o panorama político, econômico e religioso da Europa: o capitalismo mercantil estava no auge; Lutero e Calvino lideravam a Reforma protestante; a Igreja Católica, pelo Concílio de Trento (1545), iniciava a Contra-Reforma e restaurava sua autoridade atingida; a Companhia de Jesus (1534) dominava o ensino, combatendo o paganismo e o racionalismo renascentista; o tribunal da Inquisição emite listas de obras proibidas. Gil Vicente e Sá de Miranda estão na relação.

O Barroco teve sua pátria na Espanha, passando logo à Itália e, em seguida, aos demais países ocidentais, O *Cancioneiro geral* e muitos versos de Camões já apontavam para esse estilo novo. Moisés diz que

já se percebe palpitações da discórdia interna que iria transformar-se em Barroco. Lembre-se, apenas como exemplo, o soneto camoniano pelo verso `` Amor é fogo que arde sem se ver``, onde já se observava antecedentes barrocos no jogo de paradoxos que levam aos conceitos, uma das bases daquela tendência estética.

O estilo Barroco abrangeu não só a literatura, mas também a arquitetura, a escultura, a música e a pintura. Vale ressaltar que a arquitetura, nesse período impunha-se como arte maior tornando a pintura e a escultura coadjuvantes de sua beleza artística.

O Barroco foi uma reação contra o espírito renascentista, impregnado de clareza e ordem, e ocorreu logo após o aparecimento do maneirismo, que de certo modo o anuncia.

Até quase o final do século XIX, o barroco foi visto como estilo decadente, espúrio ou bastardo, encarado com evidente má vontade por historiadores e críticos de arte. As tentativas de compreensão do barroco só adquiriram relevo a partir da década de 1880.

O estilo barroco nasceu da crise dos valores renascentistas, ocasionada pelas lutas religiosas e pelas dificuldades econômicas decorrentes da falência do comércio com o Oriente. Por essa razão, afirma Moisés, *o Barroco promoveu um retorno à tradição Cristã uma vez que o renascimento voltava-se para as artes mitológicas e gregas.*

O Barroco não estava definido, mas já anunciava a idéia de movimento e então procurava conciliar a visão do mundo medieval, de base Teocêntrica, e a ideologia clássica Renascentista, pagã, terrena, de base antropocêntrica. O homem do Seiscentismo vivia um estado de *tensão* e desequilíbrio, do qual tentou apegar-se ao culto exagerado da forma, sobrecarregando a poesia de figuras, como a metáfora, a antítese, a hipérbole e a alegoria.

Nessa fase de transição o homem empenhava-se em na tentativa de conciliar o claro e o escuro, a matéria e o espírito, a luz e a sombra, visando a anular pela unificação a dualidade do ser humano, dividido entre os apelos do corpo e da alma.

Com as transformações sucessivas desencadeadas pelo humanismo, o Renascimento e a Reforma, o poder da Igreja e o do Estado viram-se enfraquecidos. A Igreja Católica, para reconquistar seu prestígio, organizou a Contra-Reforma, aplicada em grande parte pelos jesuítas, cuja atuação foi básica na gênese do movimento barroco. Sob esse prisma, o Barroco constituiria a expressão de uma cultura católica, com seus valores particulares, suas contradições e sua veemência geral, expressão essa que se mostrou bem óbvia nas novas terras reveladas à Europa pela aventura marítima dos portugueses e espanhóis.

A época do Barroco, por outro lado, foi de violentos contrastes: o racionalismo progrediu, representado por sábios como Descartes e Newton, e o Iluminismo lançou as bases de um mundo novo mediante sua materialização mais típica, a *Encyclopédie*, preparadora da revolução francesa de 1789.

No período Barroco, a arquitetura se impunha como arte maior: a pintura e a escultura não faziam mais que completá-la, contribuindo para o conjunto. Acrescente-se a isso a evidência de que o arquiteto barroco subordinava a um espaço dominante uma série de espaços subsidiários, de modo a que todos se integrassem numa relação de dependência.

A Contra-Reforma, como fenômeno de ordem espiritual, fez com que se cristalizassem na Itália as novas concepções criadoras. Compreende-se, pois, que a cidade dos papas tenha sido alvo de um grandioso trabalho de remodelação, que se baseou na exaltação da temática religiosa, quer nos seus primórdios quer nas etapas posteriores de evolução no ocidente. De acordo com Moisés (op.cit)

No entender de alguns estudiosos o Barroco tornou-se a arte da Contra-Reforma, visto as características básicas do movimento estético servirem aos desígnios doutrinários e pedagógicos da Igreja na luta reformista.

Na arte literária, o Barroco caracterizou-se pelo emprego de hipérboles, antíteses, anacolutos e outras figuras de linguagem que exprimem exuberância ornamental e, sobretudo, tensão e conflito. O séc-XVII -foi sua moldura histórica. Apesar de ser considerado o signo por excelência da alma espanhola, o Barroco ocorreu por toda a Europa e a América Latina.

Duas são as vertentes do Barroco literário espanhol: Culteranismo e o conceptismo. A primeira visava ao enobrecimento da forma, a outra ao refinamento intelectual. Apenas o Culteranismo marcou mais a poesia, enquanto o conceptismo se evidencia sobretudo na prosa barroca.

Podemos dizer, em outras palavras, que o barroco é regado por duas tendências: Cultismo e o Conceptismo. Embora constituam estilos diferentes, podem coexistir numa mesma obra ou autor tornando-se quase impossível fazer distinção entre elas.

Porém, é possível verificar algumas características que as definem, como por exemplo, o Cultismo que, graças ao poeta D. Luiz de Gangora seu maior representante, também costuma ser chamado de Gongorismo, consiste na sonoridade e imagens da obra literária. O autor cultista recorre exageradamente a metáforas, sinestesias de toda ordem, aliterações, hipérbatos, antíteses, trocadilhos, neologismos, enfim, a um descretivismo aguçado. Um grande representante do Conceptismo, que propunha a concisão e sobriedade contra os exageros verbais do Culteranismo, foi Francisco de Quevedo, cuja obra imensa é uma das culminâncias do Barroco.

Moisés afirma que tanto o Conceptismo quanto o Gongorismo constituem tendências interinfluente e contemporâneas possíveis em um mesmo escritor, o que torna a identificação dos estilos quase que imperceptíveis.

Vale destacar que a maior figura do Barroco em língua portuguesa é o Padre Antônio Vieira, que pertence tanto à literatura lusa quanto à brasileira.

3.4 Padre Antônio Vieira: o homem e seu tempo

De acordo com Azevedo (1931), Antônio Vieira nasceu em Lisboa, a 6 de fevereiro de 1608 e além de ser o primogênito de seis filhos de Cristóvão Vieira Ravasco e D. Maria de Azevedo era também oriundo de uma família pouco abastada. Em torno de si e no seio de sua família, Vieira sempre respirou uma atmosfera religiosa e, assim, absorveu essa viva e larga fé que foi a essência de sua vida.

Sua família transferiu-se para o Brasil em 1614 mais especificadamente no Maranhão, lugar que possuía o colégio dos jesuítas , principal era o principal se não o único foco da vida intelectual do Estado.

Em meados de 1623, com 15 anos iniciou seu noviciado .conhecendo e temendo a oposição de sua família, Vieira deixou secretamente a casa paterna e foi bater à porta do noviciado dos jesuítas.Tinha 15 anos nessa época.Como desejava trabalhar para a glória de Deus e a salvação das almas, o jovem noviço compreendeu que devia dedicar-se a uma vida superior.Terminados os dois anos de noviciado, Antônio fez os primeiros votos em 1625.Segundo as regras do instituto, o escolástico devia ser ao mesmo tempo aluno e professor. Depois de ser nutrido, nesses dois anos, nos princípios da espiritualidade e das belas letras, ensinava-os por sua vez.Por isso, ele lecionou Retórica e Teologia.

Conjuntamente com o ensino da Retórica, Vieira foi encarregado de escrever as cartas anuais da província, escolha tão honrosa para os superiores como para esse moço de dezoito anos. Essas cartas, redigidas em Latim, são uma exposição do estado e dos acontecimentos de cada província da Companhia e destinavam-se ao geral da ordem,em Roma.

Vieira desejava de todo coração entregar-se à catequização dos índios.O pedido foi-lhe negado por seus superiores que anularam o voto e convenceram-no a iniciar os estudos de Filosofia.Vieira obedeceu logo e pôs-se a caminho da Bahia, não sem lançar um olhar de tristeza sobre as aldeias que havia evangelizado.

Foi ordenado padre em 1635. Antônio Vieira começou a desenvolver na Bahia as grandes qualidades oratórias que iriam encher de espanto Roma e Lisboa.

Nesse período, o Brasil passava por sangrentas guerras. As invasões começaram com a ocupação de Salvador, em 1624. Os holandeses levaram pouco mais de 24 horas para dominar a cidade, mas praticamente não conseguiram sair de seus limites, pois os chamados homens bons refugiaram-se nas fazendas próximas da capital e organizaram a resistência, chefiada por Matias de Albuquerque, novo governador por eles escolhido, e pelo bispo Dom Marcos Teixeira.Utilizando-se de táticas de guerrilhas e com reforços chegados da Europa, eles impediram a expansão dos invasores. Uma tropa, composta de 52 navios e mais de 12 mil homens, juntou-

se às tropas combatentes. Depois de duros combates, os holandeses renderam-se, em maio de 1625 depois de permanecer na Bahia por um ano. Depois da Bahia, os holandeses invadiram Pernambuco em 1630. Em 1635, uma larga faixa do litoral brasileiro, de Sergipe ao Maranhão, estava sob o domínio holandês.

A Insurreição Pernambucana que durou dez anos, culminou com a expulsão dos invasores em 1654. Vieira julgou-se no direito de intervir nessa luta e de emprestar-lhe o peso de sua poderosa palavra. Vieira envolveu-se tão profundamente com os problemas brasileiros de guerras e de invasões que, num gesto patriótico, dedicava-se muitas vezes a escrever, tornando-se um intérprete do pensamento nacional.

Antônio Vieira foi convidado a pregar na capela real, em Portugal, em 1655. Lá fez felizes alusões ao novo ano e ao novo reino e como sempre, encantou a todos que o ouviam, principalmente ao príncipe, à corte e à população, pois seus sermões transmitiam entusiasmo e coragem para guerreiros e pobres miseráveis.

O padre não se conformava com as injustiças praticadas contra o povo. Certa vez, frente aos líderes portugueses chegou a clamar por justiça em favor dos seus índios perseguidos.

Essa oposição entre doutrina e conduta não é um defeito peculiar a Portugal. Em toda a sociedade em que a pregação é de uso freqüente, essa oposição poderá sempre, com mais ou menos razão, ser contada como os defeitos comuns da tribuna sagrada, pois os oradores estavam preocupados em agradar aos homens. A tribuna sagrada em Portugal, como na França pela mesma época, retomara um pouco da sua antiga liberdade, liberdade preciosa, de cujas vantagens Vieira não era homem para se privar.

Em 1662, Vieira pregou na Capela Real o *sermão da Epifania*, causando uma ótima impressão na Rainha e em sua corte. Nesse mesmo período, a rainha foi deposta cedendo o trono a D. Afonso VI, que desprezava não só a rainha como também o padre Vieira.

No ano seguinte, Vieira foi chamado por D. Afonso perante o Conselho Geral da Inquisição de Lisboa, pelo fato de ter escrito *Esperanças de Portugal-V Império do mundo*. As denúncias feitas pelo padre, bem como suas idéias de

reforma, inquietaram os ministros do Santo Ofício, que perceberam, desde logo, o potencial crítico e influenciador do padre. A prisão de Vieira pela Inquisição está ligada à sua mensagem política, à sua crítica social e aos escritos que favoreciam os cristãos-novos. No processo, é acusado de judaísmo, sacrilégio e blasfêmia.

Em 1665, terminou o processo de inquisição, Vieira foi declarado culpado, mas conseguiu revogar sua pena e, em 1666, entregou ao tribunal sua defesa. Sem sucesso foi condenado e proibido de pregar, mas, em 1668, recebeu uma sentença favorável, tornando-se livre novamente, embora ainda privado de pregar. Quando estava em Roma, Vieira conseguiu que revisassem a sua condenação e o Papa Clemente X o libertou de tal infelicidade. Com ousadia e eloquência, lançou em 1679 seu primeiro volume dos *Sermões*.

No ano de 1681, mais precisamente no mês de janeiro, embarcou para o Brasil, lugar pelo qual tinha grande apresso, voltando, então, a defender a causa dos índios.

Em 1697, com oitenta e nove anos de idade, sendo setenta e cinco vividos na Companhia de Jesus, padre Antônio Vieira partiu, mas deixou um rico e valioso conjunto de obras.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DO CORPUS

Introdução

Este capítulo tem por finalidade verificar os aspectos lingüísticos que compõem o sermão *Primeira Domingo do Advento*, proferido pelo do Padre Vieira, na capela Real em 1650. Esse sermão será analisado sobre o prisma da Retórica Clássica, com vistas a verificar-se a organização do sermão, no que diz respeito à disposição, à elocução e aos efeitos de sentido que as figuras provocam no auditório.

Ao realizarmos esta análise, de acordo com HL, aplicamos o princípio da imanência, tal como foi caracterizado em nossa revisão teórico-metodológica, no primeiro capítulo dessa Dissertação. Assim, por ser nossa perspectiva de análise de ordem histórico-lingüística, pelo princípio de imanência, voltaremos ao passado do sermão, para apreendê-lo em seu contexto de produção e, em seguida, operacionalizarmos o princípio da adequação teórica, confrontando o Sermão selecionado com o Sermão da Sexagésima.

Antes da análise propriamente dita, julgamos necessário apresentar a noção de discurso religioso e o gênero sermão, uma vez que nosso objeto de estudo produz efeito de sentido religioso e revela um gênero de discurso específico.

4.1 O discurso religioso

É importante lembrar que o discurso de Vieira é um discurso religioso, embora atravessado por outros discursos. Para conceituarmos o discurso religioso, buscamos elementos em Orlandi (1996: 154), que postula que todo falante, quando diz algo a alguém, estabelece uma configuração para seu discurso. Sendo assim, afirma a autora que não há discurso sem configuração, como não há fala sem estilo.

Para melhor entendermos a questão da configuração, Orlandi estabelece três tipos de discurso: o discurso lúdico, o discurso polêmico e o discurso autoritário. O **discurso lúdico** é aquele em que a reversibilidade entre interlocutores é total, sendo que o objeto do discurso se mantém como tal na interlocução, resultando disso a polissemia aberta. O exagero é o *non sense*.

O **discurso polêmico** é aquele em que a reversibilidade se dá sob certas condições, nas quais o objeto do discurso está presente, mas sob perspectivas particularizantes, dadas pelos participantes, que procuram lhe apresentar uma direção, sendo a polissemia controlada. O exagero é a injúria.

O **discurso autoritário** é aquele que em que a reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e a polissemia contida. O exagero é a ordem no sentido militar, isto é, o assujeitamento ao comando.

Para chegar a essa caracterização, foram considerados dois critérios: a interação e a polissemia. Da primeira, deve se observar o modo como os interlocutores se vêem: o locutor leva em consideração seu interlocutor de acordo com determinada perspectiva. Dessa relação, deriva-se o critério de reversibilidade, que determinará a dinâmica de interação. Segundo o grau de reversibilidade haverá maior ou menor troca de papéis entre locutor e ouvinte no discurso. O outro critério diz respeito à relação dos interlocutores com o objeto do discurso. Desse processo de relação é que surge o critério da polissemia.

Para Orlandi, a noção de reversibilidade é um dos critérios subjacentes a uma tipologia de discurso, distinguindo os discursos polêmico, lúdico e autoritário. A autora esclarece-nos que a reversibilidade é a troca de papéis na interação e que ela constitui o discurso e que o próprio discurso constitui. Dessa forma, temos os tipos de discurso como modos de ação, ou seja, temos que o texto todo, enquanto unidade de significação equivale a um ato de linguagem, na medida em que se instaura uma forma de interação. É importante destacar que a autora não os considera ação no sentido como são propostos os atos de linguagem no nível de enunciados. Isso quer dizer que não se pode considerar o discurso autoritário como o ato de ordenar, o polêmico como o ato de perguntar e o lúdico como o ato de dizer.

Com base nesse conceito de reversibilidade, a autora descarta a possibilidade de o locutor exercer propriamente a sua função de locutor e de o ouvinte não exercer propriamente seu papel de ouvinte, ou seja, um se define pelo outro, e, na sua relação, definem o espaço da discursividade.

Dessa forma, o discurso polêmico se realiza pela dinâmica da tomada de palavras, mas, em contrapartida, o discurso autoritário não permite que essa dinâmica se desenvolva. No discurso lúdico, essa condição é suspensa, pois esse tipo de discurso acontece por meio da dialogia.

Um fator interessante levantado pela autora é que, apesar de o discurso autoritário não apresentar, aparentemente, a possibilidade de reversibilidade, ele carrega em si uma ilusão de reversibilidade, no sentido de que essa ilusão torna-se um sentimento, um desejo de torná-lo reversível. Quando esse discurso esgota qualquer possibilidade de reversibilidade, ele se rompe, desfaz-se a relação e, assim, o domínio do discurso fica comprometido. Portanto, essa ilusão é manifestada de várias maneiras no discurso autoritário.

A polissemia é outro fator importante para a distinção de tipos de discurso. É possível afirmar que o discurso autoritário tende para a monossemia, embora sua estrutura esteja solidificada pela polissemia, ainda que estancada. É importante lembrar que o discurso autoritário, conforme afirma a autora, não é um discurso monossêmico, mas que tende para a monossemia, porque todo discurso é incompleto, tem relação com outros discursos e é constituído pelo seu contexto de enunciação e pelo contexto histórico-social. Dessa forma, os sentidos de um discurso escapam ao domínio único do locutor. No caso do discurso autoritário, a relação de interlocução entre locutor-ouvinte é quebrada, tornando esse discurso absoluto e arriscado em relação à dialogia.

Citelli (1995) apresenta algumas modalidades de discurso, que reafirmam as idéias de Orlandi. Dessa forma, ressalta o autor que o discurso se classifica em lúdico, polêmico ou autoritário. O lúdico é o de forma mais aberta e “democrática”, o polêmico ou autoritário está focalizado na relação entre os interlocutores e o auditório e busca o predomínio da persuasão. Tais classificações não são autônomas,

mas revelam dominância, isto é, um discurso normalmente apresenta características de diferentes modalidades, sendo umas mais evidentes que outras.

A necessidade de os seres humanos comunicarem-se é uma questão indiscutível, pois a todo momento existe interação entre eles, seja por meio do código verbal, escrito ou oral, seja por meio de outros códigos como o visual, o gestual, entre outros. Enfim, por meio deles, uma série de recursos é criada.

De acordo com Nascimento (2005 :46), a linguagem desempenha uma função importante na vida humana, pois ela organiza o mundo. Acrescenta, ainda, que a religião utiliza a linguagem não para descrever o mundo, mas para expressar como o homem vive em relação ao mundo.

Dada a estreita relação entre linguagem e religião, Nascimento (op.cit.: 43) afirma que,

para compreender melhor o discurso religioso, faz-se necessário retomar algumas considerações acerca da Religião, não nos afastando da premissa de que a religião se manifesta na e pela palavra e tem a ver com o homem que, por sua vez, se diz na palavra. A palavra objetiva constituir o universo discursivo em que a relação homem e religião está em íntima comunhão, ou seja, o universo se apresenta como um discurso coeso e coerente, no qual se faz necessário que cada homem acate religiosamente sua organização.

As reflexões propostas por Orlandi apóiam-se, por conseguinte, na noção de reversibilidade e abriam discussões em torno da caracterização do discurso religioso. Segundo Nascimento, a proposta feita por Orlandi deve ser revisada, atualizada e recolocada em discussão, pois tanto um compromisso com um modelo clássico de dualismo filosófico sobre os discursos religioso quanto uma visão radicalmente dicotômica de mundo não correspondem à opinião do homem contemporâneo.

Além disso, não há como considerar a reversibilidade como a propriedade fundamental do discurso religioso. Para Nascimento, quando Orlandi propõe a noção de reversibilidade como condição do discurso religioso, ela nega a possibilidade de

o discurso religioso se constituir em suas especificidades. Esse autor (op.cit.:51) completa dizendo que

Ainda que aceitássemos que a noção de reversibilidade caracterize o discurso religioso, instalando uma dessimetria de planos, essa perspectiva não nos parece sustentar-se de modo algum, nos dias de hoje, se considerarmos, por exemplo, o fato que, para os que crêem, a encarnação de Deus, por si só, quebra a dicotomia divino-humano. Nesse sentido, os direcionamentos para uma adequada caracterização do discurso religioso devem ser outros.

Desse ponto de vista, podemos pensar com Nascimento que a propriedade fundamental do discurso religioso é a ritualização e essa propriedade adquire conotação especial nesse discurso e orienta o processo comunicativo de seu autor. Pela e na ritualização quebra-se dicotomia sagrado-profano e abole-se o tempo cronológico e tudo se torna linear, a fim de que o homem seja capaz de recriar o mundo a seu modo. Entendemos, ainda, que a ritualização garante a identidade do discurso religioso, na medida em que ele se constitui pela evidência de seu universo discursivo.

É sob a luz dessas observações que podemos dizer que o sermão de Vieira pode ser caracterizado como discurso religioso, embora seja atravessado pelo discurso político, por exemplo, fato que nos permite afirmar que o discurso é um espaço de tensão e de conflitos.

No próximo item, discutiremos a noção de gênero, a fim de confirmar que o discurso religioso possui sua característica, sua forma, sua materialidade específicas. Assim, apresentaremos, a seguir, uma reflexão sobre o gênero sermão.

4.2 O Gênero sermão

O interesse pelos gêneros não é recente, conforme afirma Amora (op.cit), pois “os primeiros estudos sobre gêneros literários foram feitos por Platão. Aristóteles aprofundou esse tema na Retórica e na Poética, tendo sido ampliados os estudos sobre eles no Renascimento”.

Amora comenta, ainda, que a necessidade de se classificarem os gêneros literários e de diferenciá-los com a maior clareza possível foi a preocupação fundamental dos clássicos. No entanto, a única regra que ficou estabelecida em nome da liberdade de espírito foi a regra que correspondia ao talento do escritor, pois ele criava o seu gênero em função de seu gosto e do gosto de sua época.

A oratória e sua teoria são muito antigas. Nasceram no século V A.C, quando apareceram, na Grécia, os primeiros grandes oradores e políticos como Isócrates (436-314 A.C.), Demóstenes (334-322 A.C.) e Ésquines (389-314 A.C.). Daí em diante os grandes retóricos fizeram da oratória uma complexa disciplina.

O gênero oratório foi uma peça fundamental para a expansão do Cristianismo, pois, desde seu primeiro século, a oratória solidificou a defesa e a propagação da fé cristã utilizada pela Igreja, na sua luta contra o paganismo, segundo Amora (1971:164). A oratória sacra nasce com o Cristianismo, fundamentada na Retórica, com forte propósito ideológico, voltada à defesa e à propagação da fé cristã. Com o Renascimento, começaram a aparecer vários oradores sacros. No Barroco, destacamos o Padre Antônio Vieira (1608-1697) que abrilhantou o momento oratório dessa época.

A teoria retórica, desde a Antiguidade até o fim do Classicismo, serviu de guia para a fundamentação da Oratória, pois carregava em seu bojo os preceitos sobre a *invenção*, a *disposição* e a *elocução*.

A classificação de gêneros não é tarefa simples. Para caracterizarmos o gênero sermão, tomemos como ponto de partida a Etimologia. Assim, do ponto de vista etimológico, Machado (1967:2097) aponta que o termo *sermão* origina-se da forma latina *sermone*, tendo como significado “palavras trocadas entre diversas pessoas: conversa; conversação literária, discussão; linguagem familiar, tom de conservação, maneira de se exprimir: estilo; língua, idioma; expressão, frase, palavra.” Já no século XIII, encontram-se registros desse termo. Silveira Bueno (1974:3715), por sua vez, destaca que ela provém do Latim *sermo*, *sermonis*, significando prédica, discurso religioso. Pode ainda, de acordo com esse autor, de forma figurada, ter o significado de repreensão, advertência, repelão, descompostura, além de indicar coisa maçante e enfadonha. Portanto, com base em sua origem,

sermão pressupõe tanto diálogo, discussão e debate de idéias, quanto o ato de pregar, mostrando caminhos que implicam aconselhamento. Frequentemente, sermão é tomado como sinônimo de prédica, ou pelo senso comum, discurso religioso.

O Dicionário Novo Aurélio – Século XXI (1999:1843) retoma os significados propostos pelos estudiosos acima apresentados, com base na origem latina “conversação”, tendo como primeira acepção a de *discurso religioso geralmente pregado no púlpito; prédica, predicação; pregação*.

O gênero sermão, de acordo com Amora (op.cit), é classificado como sendo uma prosa expositiva de conteúdo psicológico, pois esse gênero contém em sua estrutura a proposição de sentimentos e idéias que são expostos pela oratória.

A oratória pode ser sacra ou parenética⁶ e profana. O sermão é uma modalidade genérica da parenética, pois requer forma cuidada e desenvolve temas dogmáticos ou morais, sendo proferido do púlpito.

Em face do exposto, consideramos, nesta dissertação, o sermão como um gênero em prosa, que é dirigido a um auditório, com vistas a convencê-lo na tomada de uma decisão futura. É uma espécie da parenética, versando seu conteúdo sobre o mundo psicológico e tendo caráter expositivo.

4.3 Metodologia de análise

Neste ponto do trabalho, aplicaremos o princípio da imanência. Por essa razão, seguiremos os princípios da Retórica Clássica que orientam o discurso parenético do século XVII. A metodologia para a análise das figuras segue a seguinte ordem:

- Primeiramente, realizamos varias leituras do sermão para levantar as figuras presentes no texto.
- Em seguida, selecionamos as figuras mais freqüentes nas diversas partes do sermão.
- Por fim, analisamos as figuras selecionadas com base na Retórica Clássica, objetivando mostrar seu papel na construção de sentido e da

⁶ De acordo com Aurélio, ela diz respeito à parênese, tratando do discurso moral e da exortação.

persuasão, bem como sua relação com a visão de mundo da época de Vieira.

O objeto de análise desta dissertação é o sermão da *Primeira Dominga do Advento* de Padre Antonio Vieira. Não teríamos outra obra nem outro autor que, a nosso ver, expusesse de maneira clara e objetiva os procedimentos que qualificam a elaboração de um sermão.

O sermão, como qualquer outro gênero do discurso, apresenta uma série de argumentos e, para obter êxito, procura apresentar uma linguagem que se aproxime de seu auditório. Tal êxito se obtém quando o sermonista passa a ter um cuidado com a organização do sermão e, dividindo-o em partes, enxerga a especificação do papel dos interlocutores, a observância do princípio da unidade na variedade, o cuidado com a linguagem.

Esclarecidos os aspectos metodológicos, passamos à análise dos dados levantados e à sua discussão, o que nos dá suporte para uma releitura do sermão, do estilo próprio de Vieira, marcado pela utilização que faz dos recursos lingüísticos.

4.3.1 A organização do sermão *Primeira Dominga do Advento*

O objeto de análise desta dissertação é, portanto, o Sermão da *Primeira Dominga do Advento*, proferido na Capela Real, no ano de 1650, período de intensa batalha religiosa conhecida como a Contra-reforma. O seu tema é o Juízo Final. Para desenvolvê-lo, Vieira organiza o sermão em oito partes, tendo cada uma delas um papel na construção da argumentação, como veremos a seguir.

O exórdio é a parte inicial e mais breve do Sermão. Nela, o autor apresenta uma breve síntese do conteúdo do sermão, caracterizando o mundo após o juízo final como um mar de cinzas. De acordo com a Retórica Clássica é o momento de exposição central do conteúdo do sermão.

No texto sob análise, o exórdio corresponde às linhas 01 a 13, e seu objetivo é atrair a atenção do auditório para o tema focalizado. A platéia ou auditório, a corte portuguesa, exerce a função de juiz e o sucesso da pregação depende do julgamento

desse público, que pode ou não aceitar os argumentos apresentados pelo orador. Como estratégia argumentativa, objetivando captar a atenção de seus interlocutores, Vieira opta por um exórdio *ex abrupto*, ou seja, ele entra diretamente no assunto, com vistas a causar maior impacto sobre seus ouvintes. Diz ele:

01-Abrasado, finalmente, o Mundo, e reduzido a um mar de cinzas tudo o que o esquecimento deste
02-dia edificou sobre a Terra (dou princípio a este sermão sem princípio)...

Justifica esse tipo de recurso, como forma de intensificar a força argumentativa, por meio de um argumento de autoridade:

02- “... porque já disse Quintiliano

03- que as grandes acções não hão mister exórdio: elas por si mesmas, ou supõem atenção ou

“04- conciliam.”

Assim, além de escolher um modo de introdução do tema que rompe com o padrão esperado pelo auditório, busca ainda igualar-se, na construção da argumentação, a um dos maiores oradores do mundo romano. Esses artifícios retóricos não só prendem, de saída, a atenção do público, mas também garantem a credibilidade do auditório em relação ao orador, pelo impacto do tema sobre os ouvintes. Dessa forma, assume a responsabilidade da frutificação do sermão ao apresentar, logo de início, que possui ciência (conhecimento), pois cita Quintiliano.

Segue-se a parte central do sermão que apresenta a proposição, ou seja, é nesse momento que Vieira apresenta o conteúdo do sermão com o objetivo de levantar provas que sustentarão sua argumentação no decorrer do sermão. Neste Sermão, ela abrange as partes I e estende-se até a parte VII.

Na segunda parte, o Padre Antônio Vieira continua tratando do mesmo assunto, pois, se fugisse do tema, ele não teria crédito ao proferir o grande sermão da Sexagésima anos mais tarde, em que ele critica os pregadores que apostilam o evangelho ao se levantarem vários assuntos em um único sermão e não se discute a fundo cada um deles. Vê-se, assim, que, neste momento, ele já praticava o que sistematizaria alguns anos mais tarde. Apesar de ainda, na segunda parte, focalizar o

mesmo assunto, o autor acrescenta novas informações. O dia da ressurreição é apresentado com argumentos que fortalecem a aceitação por parte de seu público.

Na **terceira parte** Vieira expõe de maneira mais simples e específica a temática de seu sermão ao tratar do preparo de cada indivíduo que se locomoverá até o local do juízo: o vale de Josafá. Assim, ele comenta: "Ajuntarão ali os que são, os que foram, os que hão de ser."

Esse recurso se faz necessário, pois é importante que os pregadores tenham uma linguagem fácil e natural, tornando o sermão acessível tanto para quem tem muito conhecimento, quanto para quem é leigo no assunto. Essa característica no sermão é algo peculiar de Vieira, uma vez que ele é contra os estilos modernos que se preocupam apenas com o estilo culto. Verifica-se, nesta parte, a questão do estilo.

O momento do juízo final é o tema central da **quarta parte** do sermão. Nele, o orador comenta a presença de todo o gênero humano perante o supremo juiz em seu trono resplandecente rodeado de todas as hierarquias de anjos. Nesse momento, inicia-se o juízo, sendo os primeiros a serem julgados, os papas, pois eles terão de ser julgados não pelos títulos, mas pelas suas obras, assim como toda raça humana. Seguindo a hierarquia da Igreja, os anjos sairão ao encontro dos bispos e arcebispos e assim sucessivamente.

A separação entre os homens será focalizada na **quinta parte** da obra. Nesse momento, serão separados os reis de sua glória e majestade, estando acompanhados apenas de suas obras para prestar contas de tudo quanto fizeram em seus reinados.

Culpado? Inocente? Essa é a temática da **sexta parte** do sermão. É a fase do exame das culpas. Nesse momento, o orador exemplifica dois tipos de pecados: a omissão e a consequência. A omissão é o pecado que se comete com mais facilidade, afirma Vieira.

A **sétima parte** visa a caracterizar o pecado de consequência apresentando os pecados que acabam em si mesmos e os pecados que duram em suas consequências. Esta, segundo Vieira, é uma das mais terríveis contas a prestar, pois são duas contas em uma: a do pecado em si e o da consequência dele.

Na **oitava e última** parte da obra, o autor retoma o que já dissera desde o começo. O fim do mundo. Aqueles que fizeram o bem e os que não fizeram, aqueles

que escolheram a vida com Cristo herdarão o reino que desde o princípio está preparado pelo Pai.

Percebe-se que Vieira aposta em seus conhecimentos bíblicos e eclesiásticos. Ele revela não só conhecer a estrutura da igreja, mas também conhecer a fundo as escrituras, fato que lhe possibilita fundamentar sua pregação. Seguindo o modelo discursivo da Retórica Clássica, Vieira mantém o controle em sua oratória no que diz respeito à arte de bem falar (ou escrever) de modo persuasivo com o objetivo de conquistar seu auditório para a aceitação das teses conforme seu entendimento.

Pelo exposto, verifica-se que o autor, na construção global do Sermão segue o princípio da unidade e da variedade que será teorizado anos mais tarde no Sermão da Sexagésima. O texto, ao longo de seu desenvolvimento, focaliza o tema do Juízo Final, mas, a cada parte, aspectos novos a ele relacionados são apresentados para o auditório. Esse ponto será aprofundado na análise de cada uma das partes.

Apoiado nessa organização textual, Vieira, seguindo os princípios da Retórica Jesuítica, defende a tese de que é necessário expor com clareza as verdades bíblicas, a fim de que sejam eliminadas as heresias existentes e combatido o paganismo, praticando, assim, a Evangelização, meta de sua vida como padre jesuíta.

Apresentada a organização do Sermão da Primeira Domingo do Advento, passamos para o momento da verificação dos recursos lingüísticos, ou seja, as figuras.

4.4 As Figuras

As figuras são recursos que servem para organizar o discurso e que se distanciam da forma natural da linguagem permitindo ao escritor trabalhar com as palavras adaptando-as de acordo com suas intenções. Tal adaptação concretiza-se por meio da elocução que caminha por diversas possibilidades lingüísticas de expressão dos pensamentos. A elocução é responsável por deixar transparecer o estilo de cada autor ou orador, pois demonstra a utilização das palavras tomadas isoladamente ou em uma construção frásica.

Assim, fazemos nessa parte do trabalho um apontamento das figuras para facilitar a compreensão do sermão em relação às intenções do Padre Vieira no *Sermão da Primeira Domingo do Advento*.

O leitor encontrará nos anexos desse trabalho duas versões do sermão escolhido, a primeira é uma versão digital e com as linhas numeradas. A segunda versão está xerocopiada.

Segundo Moisés (2001: 74)

Para compreender os sermões do Padre Vieira é preciso ter em mente as características fundamentais do movimento Barroco. De contorno dilemático, contraditório, feito de antíteses e oposições, instável como o próprio ondular das idéias no esforço de orientar e persuadir, os sermões vieirianos correspondem à preocupação de anular a dicotomia radical existente no ser humano, formado de corpo e alma.

Dessa forma, é possível perceber a flexibilidade de Vieira com as palavras que, aliadas ao conhecimento político, teológico e retórico permitem alcançar seus objetivos.

Não se pretende examinar o sermão em sua totalidade, mas verificar a utilização das principais figuras da época do Barroco. Para tanto, optamos por apresentar as figuras bem como suas ocorrências e sentidos provocados no auditório em uma tabela. Ao final realizaremos uma discussão sobre as figuras retóricas e a persuasão.

FIGURAS	OCORRÊNCIA NO SERMÃO
METÁFORA	Mar de cinzas... L1 ...Lucíferes do Mundo!...L193. ... correr-se-ão as cortinas do Céu...L200. ...matando Caim e arrancando da terra a árvore de que eles haviam de nascer... L504.
PARADOXO	Dou princípio a este sermão sem princípio... L2 ...cabe uma livraria de Estado, tamanha como a vaticana, e talvez com os livros tão fechados como ela os tem...L134, 135.
NARRAÇÃO	... No primeiro dia da criação, criou Deus... L113 Pois por certo que não foi por falta de doutrina nem de auxílios: tinham estes reis conhecimento do verdadeiro Deus... e nada disto bastou... L295, 296, 297, 298. Feita a separação dos maus e bons, e sossegados os prantos daquele último apartamento que serão tão grandes como a multidão e tão lastimosos como a causa, posto todo o juízo em silêncio e suspensão, começará a se fazer o exame das culpas...L327, 328, 329.
DESCRIÇÃO	Ao quarto dia veio o Sol, e sendo aquele imenso planeta cento e sessenta e seis vezes maior que a Terra, coube também o Sol...L116,117.
COMPARAÇÃO	... O pequeno achará seus ossos em um adro sem pedra nem letreiro...O grande, pelo contrário, achará seu corpo Embalsamado em caixas de pórfiro... L65, 66. ...Caberão os homens no vale de Josafat, assim como couberam os animais na arca de Noé...L173, 174. ... A Terra, em comparação do Céu, é um ponto; o centro, em comparação da Terra, é outro ponto; e Lúcifer, que levantado não cabia no Céu, caído cabe no centro da Terra.L191, 192.
SUBJEÇÃO OU SUJEIÇÃO	... Antigamente em um lugar destes que é o que cabia? Cabia o doutor com os seus textos e umas poucas de apostilhas...L126. ... Pois se tudo isto cabe em um lugar tão pequeno, que grandes serviços fazemos nós à Fé em crer que caberemos todos no vale de Josafat? Havemos de caber todos...L142, 143, 144. ... E porque não cabiam dois homens em tão imenso lugar? Pior é a causa que o caso. Caim não cabia com Abel, porque Abel cabia com Deus...L156, 157. ... Pois se tudo isto cabe em um lugar tão pequeno, que grande serviços fazemos nós à Fé em crer que caberemos todos no vale de Josafat? Havemos de caber todos...L142, 143, 144.

4 C o m o m o s t	...Que todos estes animais e tantos outros de igual fereza e grandeza coubessem juntos em uma arca tão pequena?! Sim, cabiam todos, porque, ainda que a arca era pequena, a tempestade era grande...L169, 170. ... Pois se as estrelas são maiores que a terra, como hão-de cair e caber cá em baixo? Hão-de caber, porque hão-de cair. Não sabeis que os levantados e os caídos não têm a mesma medida? Pois assim Ihes há-de suceder às estrelas...L186, 187, 188, 189. ...Se nós (falo dos melhores que eu) se nós, sobre tanto meditar na outra vida, nos perdemos, o vosso descuido e o vosso esquecimento, onde vos há-de levar? Se as Cartuxas, se os Buçacos, se as Arrábidas hão-de tremer no Dia do Juízo, as cortes e vossa corte em que estado se achará?...L265, 266, 267, 268. ...Se para a restituição basta uma parte, as outras três a que fim se dão? Eu o direi: dá-se uma parte para satisfação do pecado, as outras três para satisfação das consequências... L432, 433, 434.
r a o q u a d r o 4 . 4	ANTÍTESE ...bastou para enterrar os vivos, que muito que, quando soar verdadeiramente, seja poderosa para desenterrar os mortos? L26, 27. ... E quanta gente bem nascida se verá naquele dia mal ressuscitada!L39, 40. ... os bem ressuscitados alegres, os mal ressuscitados tristes...L102, 103. ...parte dos bons, outra da parte dos maus...L147 ...porque ainda que os maus são tantos, e hoje tão grandes e tão inchados, naquele dia hão-de estar todos muito pequeninos...L162, 163, 164. ...arca era pequena, a tempestade era grande... L171. ...Oh como estarão pequenos ali os maiores gigantes... L178. ...A primeira cousa que fará será mandar apartar os maus dos bons... L202, 203. ...reis que se salvaram e quantos os que se perderam. L281, 282. ...Saibamos agora quantos reis foram os que se salvaram e quantos os que se perderam nestes reinos... L286, 287. ...perdeu-se Saul, salvou-se David... L288. ...salvaram-se cinco, perderam-se treze... L289. ... Feita a separação dos maus e bons...L327. ... Assim o creio dos mortos, assim o temo dos vivos...L549.

4.5- As Figuras Retóricas e a Persuasão

Algumas das figuras retóricas que foram contempladas no sermão são a metáfora, o paradoxo, a narração, a descrição, a; comparação, a subjeção ou sujeição, a antítese e a gradação.

As figuras retóricas possibilitam a expressão de sentimentos, emoções e idéias de modo imaginativo e inovador por meio de uma associação de semelhança implícita entre dois elementos. São recursos lingüísticos importantes na construção do pathós, ou das provas psicológicas. Verificou-se no sermão que a **metáfora** implica necessariamente um desvio do sentido literal da palavra para o seu sentido livre. Nas metáforas empregadas por Vieira, está sempre implícita uma comparação, ou seja, Vieira procura organizar dois planos por associação comparativa entre duas realidades, entre duas idéias, com a finalidade de fazer o ouvinte refletir a respeito dos termos comparados como em *Mar de cinzas* que são conhecidos pelos ouvintes, o mar e as cinzas, porém é necessário realizar um procedimento de codificação, exigindo, da parte do leitor, uma espécie de tradução, tentando decifrar o referente que se encontra por trás da metáfora apresentada. Essa metáfora convida os ouvintes a imaginarem a situação em que se encontrará a face da Terra no dia do Juízo Final. Esse convite nada mais é do que uma chamada à reflexão sobre as profecias apocalípticas, despertando nos interlocutores preocupação em relação à situação apresentada, e, portanto, induzindo-os a pensar na necessidade de mudanças em sua vida.

Outras metáforas apresentadas pelo autor reforçam, em todo o tempo, um “pedido” de reflexão, pois *matando Caim e arrancando da terra a árvore de que eles haviam de nascer*, *Lucíferes do Mundo!* e *correr-se-ão as cortinas do Céu* são expressões que exigem do ouvinte uma pausa reflexiva para se atingir a interpretação daquilo que fora dito pelo Padre e é justamente neste momento que as metáforas se caracterizam como importantes recursos de persuasão.

Como vimos, a metáfora tem o papel de reforçar a idéia que será desenvolvida no sermão. Por meio de Metáfora, Vieira procura induzir seus

ouvintes a um processo natural de mudanças tanto no plano das idéias quanto nas atitudes a serem tomadas pelos ouvintes.

Ainda em um pensamento dualista, Vieira procura, por meio do **paradoxo**, envolver seu público em planos distintos seja do mundo físico, psicológico ou espiritual. Assim quanto maior forem os espaços preenchidos pelos argumentos, maiores serão as chances de adesão. A maneira como forja sua linguagem produz uma multiplicidade de sentidos capaz de esvaziar explicações controvertidas e conclusivas. Pela utilização dos paradoxos Vieira impede que a *Verdade* se constitua em um único plano, até mesmo porque seu discurso retórico deve desencadear um processo de reflexão, sempre enfatizando a posição do pensamento cristão. Assim, Vieira diz: *Dou princípio a este sermão sem princípio; cabe uma livraria de Estado, tamanha como a vaticana, e talvez com os livros tão fechados como ela os tem.* Nesses paradoxos, Vieira promove um impacto entre as idéias apresentadas por ele e as possíveis interpretações dos ouvintes, pois até mesmo seu sermão quebra modelos e se mostra passível de mudanças assim como os ouvintes devem ser também, flexíveis a mudanças. Essa figura visa a persuadir o ouvinte de que, embora seja improcedente uma afirmação, de fato o autor está validando sua afirmação.

Em seu discurso, o Padre Vieira utiliza-se de uma estratégia argumentativa que visa a estabelecer a pausa de uma apresentação argumentativa para retomá-la posteriormente. Tal estratégia se encaixa no momento da **narração** de fatos, assim, aquilo que se pretende apresentar é reforçado por uma pausa no plano A, para a apresentação do plano B e conseguinte retomada do plano A. Esse recurso permite compreender melhor a essência do plano A que poderia não ser atingida se apresentada diretamente. No sermão em análise, encontramos as seguintes passagens: *No primeiro dia da criação, criou Deus... Pois por certo que não foi por falta de doutrina nem de auxílios: tinham estes reis conhecimento do verdadeiro Deus.* Essa figura envolve dois momentos no processo de persuasão: o primeiro momento é o próprio tempo em que se discorre o discurso, já o segundo momento é aquele que visa a estabelecer uma pausa no primeiro momento e a transferência para outra esfera de pensamento. Vieira procura narrar vários acontecimentos com a

finalidade de estabelecer um raciocínio linear entre ele e o auditório garantindo assim um ritmo de raciocínio comum a todos.

Pelas **descrições** apresentadas no sermão da *Primeira Domingo do Advento*, Vieira torna a demonstração mais acessível às almas e ao raciocínio dos ouvintes. As descrições feitas por Vieira estão embutidas em extensos períodos de *narração*. No sermão há muitos exemplos, porém selecionamos o trecho em que Vieira diz: *Ao quarto dia veio o Sol, e sendo aquele imenso planeta cento e sessenta e seis vezes maior que a Terra, coube também o Sol*. Essa narração descritiva, dividida em várias partes do sermão, extravasa o conhecimento dos ouvintes para torná-los vulneráveis à persuasão. Essa figura visa a estabelecer um nivelamento de raciocínio entre orador e ouvintes, tornando então o exemplo apresentado pelo orador algo comum a todos. A descrição geralmente acompanha a narração, sua tarefa é tornar o discurso mais didático, sendo, então, possível atingir um número maior de ouvintes.

O sermão da *Primeira Domingo do Advento* trata de um assunto estritamente interpretativo, o Juízo Final. Dessa forma, toda interpretação é subjetiva e, por essa razão, mesmo que a exposição das idéias pareça clara ao orador, é necessário certificar-se de que o público tenha atingido o mesmo nível de raciocínio. Vieira para certifica-se disso utiliza em seu sermão a **comparação**, e é por meio dela que se relacionam dois domínios distintos da realidade com base em semelhanças para tornar o raciocínio mais claro para o auditório. Vieira diz que *O pequeno achará seus ossos em um adro sem pedra nem letreiro; O grande, pelo contrário, achará seu corpo Embalsamado em caixas de pórfiro; Caberão os homens no vale de Josafat, assim como couberam os animais na arca de Noé. A Terra, em comparação do Céu, é um ponto; o centro, em comparação da Terra, é outro ponto; e Lúcifer, que levantado não cabia no Céu, caído cabe no centro da Terra*. Essa figura visa à apresentação de um exemplo que confrontado com um segundo exemplo gera uma aproximação de realidades ou possibilidades. Esse recurso é constante no decorrer do sermão, pois, pela comparação, o Padre convida seus ouvintes à uma reflexão em que os elementos comparados configuram realidades que os ouvintes terão que relacionar sem haver outras alternativas.

Ainda para se certificar que o público mantém o mesmo nível de raciocínio do orador é possível lançar mão de uma figura chamada **subjeção ou sujeição**. É por meio dela que Vieira realiza perguntas que supostamente, ou seriam feitas pela platéia, ou deveriam ser feitas por ela devido à importância da matéria tratada. Essa figura é facilmente observada nas perguntas feitas por Vieira e respondidas logo em seguida. Esse recurso possibilita apresentar uma proposição que visa a reforçar a tese principal a ser defendida. Assim, *Antigamente em um lugar destes que é o que cabia? Cabia o doutor com os seus textos e umas poucas de apostilhas; Pois se tudo isto cabe em um lugar tão pequeno, que grandes serviços fazemos nós à Fé em crer que caberemos todos no vale de Josafat? Havemos de caber todos*. Com a utilização dessa figura pretende-se promover uma reflexão sobre a pergunta, pois os ouvintes procuram sua própria resposta que pode ser contrária à do orador. Ela tem por objetivo tornar uma proposição mais importante e ser melhor observada pelo auditório, merecendo a atenção dos ouvintes, por apresentar o objeto principal da argumentação.

O discurso barroco traduz a dualidade vivida pelo homem e essa dualidade é facilmente encontrada no sermão do Vieira que é caracterizado pela apresentação dos argumentos bipartidos. A **antítese** em seu sermão reforça esse tipo de raciocínio. Vieira procura confrontar dialeticamente seus ouvintes por meio de idéias opostas, assim tal confronto permite conduzir o auditório à ênfase sobre determinado assunto. Tal figura se apóia na reiteração enfática com vistas a violentar padrões dos ouvintes e por meio deles promover obediência e posturas do Cristianismo. Esse processo estaria no próprio Catolicismo barroco transitório que remete à Idade Média, resultando no surgimento de várias figuras retóricas que possibilitariam novas ordens de idéias que conduziriam os ouvintes a um exame e a uma reflexão sobre suas vidas. Essas figuras retóricas funcionam como jogos de efeito a fim de intensificar no ouvinte o temor a Deus. Então, *bastou para enterrar os vivos, que muito que, quando soar verdadeiramente, seja poderosa para desenterrar os mortos? E quanta gente bem nascida se verá naquele dia mal ressuscitada; os bem ressuscitados alegres, os mal ressuscitados tristes*. A antítese é a principal figura presente no período Barroco. O contraste que se estabelece serve, essencialmente,

para dar ênfase aos conceitos envolvidos, o que não se conseguiria com a exposição isolada dos mesmos.

Padre Vieira busca sustentar sua tese, nas atribulações e conflitos humanos. Sua pregação é desenvolvida por uma **gradação** sucessiva que provoca em seus ouvintes emoções místicas entrelaçadas ao sincretismo humano, misterioso e escatológico. Essa gradação permite dar aos ouvintes subsídios interpretativos capazes de alcançar ou questionar os argumentos apresentados. Vale lembrar que Vieira com sua eloquência pretendia fortificar a fé católica, portanto não poderiam existir dúvidas que não fossem esclarecidas. No sermão encontramos e selecionamos os seguintes exemplos: *Como pode ser que coubessem em tão pequeno lugar tantos animais, tão grandes e tão feros? O leão, para quem toda a Líbia era pouca campanha; a águia, para quem todo o ar era pouca esfera; O touro, que não cabia na praça; O tigre, que não cabia no bosque; o elefante, que não cabia em si mesmo.* A gradação é o tipo de figura que possibilita apresentar uma seqüência de fatos exemplificadores com a finalidade de estabelecer um raciocínio lógico. Esse recurso faz com que os ouvintes organizem os pensamentos expostos pelo orador sem que haja quebra de raciocínio.

Enfim, para sustentar sua tese e atingir seus objetivos, Vieira costuma refletir, repensar, insistir, reiterar, retomar os aspectos da matéria apresentada a fim de esgotá-la, sempre com o cuidado de fechar todas as possibilidades de saídas para que seus ouvintes não consigam escapar ao aprofundamento espiritual que os conduziria ao temor em relação ao dia do juízo e à salvação. Sua forma persuasiva atrai o ouvinte para a doutrina cristã, independente de suas posições na sociedade e, para tal feito, as figuras mostram-se como importantes mecanismos de persuasão.

Para finalizar, seguindo os princípios metodológicos da HL, operacionalizaremos o princípio da adequação teórica.

4.6 Princípio da adequação

O sermão, como qualquer outro gênero do discurso religioso, apresenta uma série de argumentos e, para se obter êxito, o discurso deve apresentar uma linguagem que se aproxime de seu público. Tal êxito se obtém quando o sermonista

passa a ter um cuidado com a organização do sermão, dividindo-o em partes para que se atinjam os objetivos desejados e não resultar em problemas.

O problema, de acordo com Vieira, deve estar em um dos três aspectos a seguir: Pregador; ouvinte; Deus; Para que um homem se converta, necessários são três concursos: O pregador concorre com a doutrina, persuadindo; O ouvinte concorre com o entendimento, percebendo; Deus concorre com a graça, alumando.

Dessa forma, o homem concorre com os olhos (conhecimento), Deus concorre com a Luz (graça) e o pregador concorre com o espelho (doutrina).

Mas o sucesso do sermão, não depende da parte de Deus nem dos ouvintes, mas sim da parte que cabe ao pregador. Mas por que a culpa é do pregador? Essa pergunta vai ser a temática abordada por Vieira na quarta parte de seu sermão.

Em suma,

Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões, não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam maus os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições, e enfim, todos os seus pecados.

“ não sejam mais assim por amor de Deus, e de nós”

Para verificar a organização do sermão da *Primeira Domingo do Advento*, tomamos por base o *Sermão da Sexagésima* que está dividido em dez partes. Suas partes apresentam a estrutura que um sermonista deve seguir. Assim, verificaremos a organização do sermão em análise com base no *Sermão da Sexagésima*.

A primeira parte do sermão da Sexagésima é a exposição central de todo o conteúdo do sermão. Nesse caso, o autor toma como assunto a parábola do semeador ⁷.

É possível perceber logo no princípio do sermão da Primeira Domingo do Advento que Vieira faz a exposição central de todo o conteúdo do sermão. Ele inicia descrevendo as condições em que estará a Terra no momento do Juízo Final. Esse assunto será tratado em todo o sermão.

Na segunda e terceira partes, vemos o sermão da Sexagésima dividido e

⁷ Evangelho de S.Mateus Cap.13

interpretado pormenorizadamente. Essa organização também está presente no sermão da Primeira Dominga, pois as partes servem para tratar item por item de cada questão apresentada no sermão.

Ora, para que um homem se converta, é necessário que ele veja em si o caminho errado que ele segue. Para que ele enxergue a si mesmo, são necessárias três coisas: Olhos; Espelho e Luz, sendo um dependente do outro: se tem luz e espelho, mas não tem olhos, não pode ver, se tem olhos e espelho e não tem luz não pode ver e se não tem espelho e tem luz e olhos como pode se vê. Esse processo, de acordo com Vieira, garante o sucesso de uma pregação.

Essa etapa do sermão da Sexagésima é claramente observada no Sermão da Primeira Dominga, pois este sermão garante ao ouvinte enxergar tanto o plano real e atual quanto o plano imaginário e futuro. Vieira expõe como espelho, a própria vida e os exemplos retirados da Bíblia, fato que garante também a luz, pois ela, a Bíblia, é vista pelos ouvintes como a própria voz de Deus.

Para reforçar sua tese de que a pregação está totalmente sob responsabilidade do pregador, cinco importantes circunstâncias no pregador devem ser levadas em consideração. São elas: a pessoa; a ciência; a matéria; o estilo; a voz.

O pregador deve tomar ciência da pessoa que deve ter uma vida exemplar. Deve levar em consideração o conhecimento que possui, os assuntos a serem tratados em seus sermões bem como seu estilo de pregar e a voz com que fala.

Quanto às cinco circunstâncias, Vieira se enquadra em todas elas, pois como pessoa apresentou uma vida exemplar dedicada à propagação da fé católica, em relação ao conhecimento temos sua formação jesuítica, no que diz respeito aos assuntos, não há outra fonte a não ser a pregação pautada na Bíblia Sagrada e, por fim, seu estilo e voz são próprios de um orador que utiliza os recursos típicos de sua época para alcançar o maior número possível de ouvintes.

A parte cinco do sermão da Sexagésima trata do estilo. Vieira considera-se contra estilos modernos, dificultosos, dizendo que o estilo do pregador deve ser fácil e natural e que pode ser muito claro e muito alto também, mas tão claro que entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender nele os que

sabem. Não se deve tomar como exemplo de pregação os pregadores que prezam o estilo culto. A linguagem deve ser acessível e de comum entendimento a todos.

Tal linguagem configura o estilo próprio de Vieira.

A matéria a ser tratada em um sermão é a temática de sexta parte. Vieira critica os pregadores modernos que “apostilam o evangelho” ao se levantarem vários assuntos em um único sermão ao cabo que não se discute a fundo nenhum deles. O sermão deve ter um assunto só e por isso

há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar, há de responder as duvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força de eloquência os argumentos contrários, e depois disto há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar. Isto é sermão, isto é pregar, e o que não é isto, é falar de mais alto.

Vieira não nega a possibilidade de um sermão ter uma variedade de discursos, mas que esses discursos precisam nascer todos de uma mesma matéria, continuar e acabar nela.

Percebe-se no sermão da Primeira Dominga que Vieira inicia apresentando o Juízo Final e finaliza o sermão tratando do mesmo assunto.

A falta de ciência, talvez, seja o motivo da não frutificação da palavra de Deus. Essa questão será focalizada na sétima parte do sermão da Sexagésima. A falta de ciência ou sabedoria, conhecimento por partes dos pregadores modernos, seria um dos fatores que contribuem para o enfraquecimento da lavoura divina, pois muitos pregadores vivem aquilo que não colheram e semeiam o que não trabalharam. Sendo assim, o pregador deve pregar aquilo que conhece e vive e não se arriscar a falar daquilo que não viveu. É por essa razão que muitos pregadores não fazem frutos, porque pregam o alheio e não o seu. O pregar implica entrar na batalha contra os vícios pois

com armas alheias ninguém pode vencer, ainda que seja Davi. As armas de Saul só servem a Saul, e as de Davi a Davi, e mais aproveita

um cajado e uma funda própria, que a espada e a lança alheia. Pregador que peleja com as armas alheias, não hajaes medo que derribe gigante.

Não há espaço para recitar na pregação. As razões próprias nascem do entendimento, as alheias são colocadas na memória e os homens não se convencem pela memória se não pelo entendimento. Pregador aquilo que não se vive é falar da boca para os ouvidos, mas pregar o que vive penetra e convence o entendimento. A voz seria então a causa dos pregadores não produzirem frutos? Essa questão será respondida na oitava parte.

Verificamos pelo exposto acima que o sermão da *Primeira Domingo do Advento* segue exatamente a estrutura proposta por Vieira no Sermão da Sexagésima. Sobre sua organização verifica-se a divisão em várias partes, lembrando que a primeira parte corresponde à exposição central de todo o sermão, em seguida a interpretação é realizada minuciosamente. Em relação à pessoa, não há o que se discutir, uma vez que o sermão fora pregado na capela Real. Sua formação cultural e eclesiástica revela a ciência presente em sua vida. A matéria em seu sermão faz refletir tanto o doutor quanto os leigos ali presentes. Seu estilo é único e privilegia a doutrina católica, portanto sua linguagem não é voltada para os homens, mas para as almas.

Considerações Finais

Ao término dessa Dissertação, podemos afirmar que estudamos a organização e algumas figuras do sermão da Primeira Domingo do Advento. Tal estudo legitima a nossa hipótese de que as figuras presentes no Sermão constituem importantes mecanismos de estilo e de persuasão.

Nossa Dissertação privilegiou a Historiografia Lingüística como recurso científico metodológico e teórico para examinar o sermão selecionado. Nesse sentido, descrevemos por intermédio de um estudo metalingüístico aspectos retórico-lingüísticos encontrados no sermão com o auxílio da HL e constatamos a interferência de fatores externos no plano da argumentação.

A análise do texto, visto aqui como um documento, passa a revelar, além das características estilísticas do Padre, a sua interação com o público frente às questões religiosas da época. Esse modo de se olhar o documento em estudo sob uma perspectiva histórica, mas levando em consideração as questões concernentes à língua e ao contexto só foi possível devido à metodologia apresentada pela Historiografia Lingüística, que favoreceu a compreensão do discurso e da Retórica. Tal metodologia forneceu-nos subsídios capazes de apresentar, por meio da contextualização, uma imagem do cenário vivido pelo Padre, em seguida foram esclarecidos, por intermédio da Imanência, os aspectos retóricos e, por fim, buscamos a adequação teórica, aproximando o Sermão sob estudos do Sermão da Sexagésima, dado seu caráter orientador para a elaboração desse gênero textual.

No documento analisado, identificamos os recursos estilísticos próprios do período Barroco, utilizados por Vieira, que aparecem no discurso sermonário.

De acordo com os objetivos propostos nesta pesquisa em examinar no sermão da Primeira Domingo do Advento, a língua, a história e o papel de figuras retóricas e pelos critérios de análise aqui estabelecidos, identificamos no sermão, aspectos ideológicos e discursivos que auxiliaram nosso orador no processo de persuasão do ponto de vista ideológico e sobretudo em defesa das idéias da Igreja enfatizadas pelas citações bíblicas.

O estilo próprio do Padre revela-se pelas figuras encontradas bem como pela sua argumentação bilateral própria do pensamento Barroco de sua época. Tal argumentação reafirma os princípios da Retórica Jesuítica que defende a necessidade de se expor com clareza as verdades bíblicas. Sendo assim, pelo argumento bilateral o Padre expôs sempre dois lados de um mesmo assunto.

Acreditamos que Antonio Vieira obteve sucesso em seu sermão devido ao seu caráter moral revelador de digna confiança resultando em credibilidade por parte de seus ouvintes. Na análise, observamos que o Padre cria uma relação de diálogo entre orador e ouvinte, propiciando a interação por meio de citações, comparações e as figuras retóricas.

O sermão analisado é um documento de grande valor histórico e cristão. Percebemos que a leitura do sermão escolhido não se encerra, pois ele se direciona para novas perspectivas de estudo, uma vez que tudo depende do olhar do pesquisador.

Sendo assim, nossa análise buscou examinar a língua, a história e o papel de figuras retóricas, que funcionam na organização do sermão de Padre Antônio Vieira como mecanismo de persuasão, em sermão do século XVII, pouco estudado no conjunto da obra vieiriana, o que nos levou a compreender o homem desse período, ou melhor, um orador que possui um vasto acervo a ser, ainda, melhor conhecido.

Bibliografia

ABREU, Antônio Suarez. *A arte de Argumentar: Gerenciando Razão e Emoção*. 8. ed. São Paulo: Ateliê, 2005.

ALMEIDA, Marly de Souza. *Metalinguagem e Identidade Lingüística Brasileira na Sátira Poética de Oswald de Andrade*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Língua Portuguesa) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ALTMAN, Cristina. *A Pesquisa Lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas. 1998.

AMORA, Antonio Soares. *Teoria da Literatura*. 9. ed. São Paulo: Classico-Científico. 1971.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro. [s.d].

AZEVEDO, J. Lucio de. *História de Vieira*. ed. Tomo 1º. Lisboa: Livraria Clássica. 1931.

BASTOS, Neusa, Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro; (Orgs.). *História Entrelaçada: A Construção de Gramáticas e o Ensino de Língua Portuguesa do Século XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

CASAGRANDE, Nancy dos Santos. *A Implantação da Língua Portuguesa no Brasil do Século XVI. Um Percorso Historiográfico*. São Paulo: Educ. 2005.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. 9. ed. São Paulo: Ática. 1995.

FACCINA, Rosimeire Leão da Silva. *Políticas Lingüísticas: Normatização do Ensino de Língua Portuguesa no Século XX*. São Paulo 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

KOERNER, Konrad. *Historiography of Linguistics*. In *Concise History of Language Sciences*. Cambridge: University Press. 1996.

KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1993.

LAPA, José do Amaral. *História e Historiografia: Basil Pós-64*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária*. 2. ed. Trad.R.M.Rosado Fernandes.Lisboa:Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.Título Original: Elemente der Literarischen Rhetorik.

LEITE, Serafim.*A história da Companhia de Jesus*.Lisboa:Portugália.1964.

MACHADO, José Pedro de. *Dicionário Onomástico e Etimológico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Livros Horizonte.1967.

MELO, Sangia. *Argumentação e Persuasão: O Sermão da Sexagésima do Padre Antônio Vieira*. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) Pontifícia Universidade de São Paulo.

MOISÉS,Massaud. *A Literatura Portuguesa*.31.ed.São Paulo: Cultrix.2001.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). *Retóricas de Ontem e de Hoje*. São Paulo: Humanitas. 1997.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas (Org.). *A Historiografia Lingüística: Rumos Possíveis*. São Paulo: Edições Pulsar: Terra do Sonhar. 2005.

ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, São Paulo: Pontes. 1996.

PALMA, Dieli Vesaro; ZANOTTO, Mara Sophia. *Retórica e Argumentação*. IN:Bastos,Neusa Barbosa (Org.).LinguaPortuguesa Teoria e Método.São Paulo:Educ, 2000,p.115-141.

PERELMAN, C.OLBRECHTS-Tyteca, L. *Tratado da Argumentação*. A Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PITTA, Sueli Cardoso. *Deus Pai é Gostosinho s Jesus é Pirado: Um Estudo das Estratégias Persuasivas no Discurso da Episcopisa Sônia Hernandez, da Igreja Renascer em Cristo*. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

REBOUL, Oliver. *Introdução à Retórica*. Trad.Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SILVA, Maciel Henriques; SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Rogério Forastieri da. *História da Historiografia. Capítulos para uma História da Histórias da Historiografia*. São Paulo: Edusc. 2001.

VIEIRA, Antonio. *Primeira Dominga do Advento*. v.1. Lisboa: Lello & Irmão. 1945.

_____. *Sermão da Sexagésima*. v.1. Lisboa: Lello & Irmão. 1945.